AMAZONAS CULTURAL

Publicação trimestral da Superintendência Cultural do Estado do Amazonas

Manaus, julho de 1989 – Ano I – Nº 1 – 20 Págs.

clube da madrugada 34 anos

*Esta edição do Amazonas Cultural é dedicada ao Clube da Madrugada, instituição cultural **sui generis** surgida, no Amazonas, em 22 de novembro de 1954 e que tem produzido, no decorrer desses anos, os melhores frutos, nas áreas literária e artística, às quais dedica as suas atividades. Com peculiaridades bem acentuadas e sem paralelismo no Brasil e no mundo, ele conseguiu o milagre de desafiar o tempo e chegar incólume, hoje, ao seu trigésimo quarto ano de vida completados em novembro de 1988), apresentando, no campo cultural, uma série de feitos que lhe conferem uma condição enobrecedora e invejável na sociedade brasileira, impondo-se ao seu respeito e admiração. Entidade literária de vanguarda, responsável pela implantação, no Amazonas, dos princípios da Semana de Arte Moderna, de 22, a atualidade permanente do Clube da Madrugada consiste, sem dúvida nenhuma, no seu caráter de originalidade, descompromissos com todas as formas imaginadas de institucionalização voltadas à causa estreita de uma sociedade comum, com seus estatutos, sedes, conchavos, igrejinhas, etc. Nesta edição comemorativa dos seus anos, o AC homenageia-o, publicando a história do seu surgimento, suas atividades específicas, depoimentos de intelectuais sobre a sua atuação e uma seleção de trabalhos – conto, crônicas, poesia e ensaio – de escritores pertencentes ao seu quadro de associados.*

Sob a copa deste mulateiro, localizado na Praça Heliodoro Balbi, nasceu o Clube da Madrugada. Transformado em sua sua sede, desde os primeiros instantes, à sua sombra os madrugadenses (designação criada por Guimarães Rosa) realizam suas sessões, traçam seus planos de trabalho, debatem os assuntos mais variados sobre ciência, literatura e arte. No tronco da árvore há uma placa afixada com a seguinte inscrição: "Pois foi. Jovens se reuniram sob a fronde desta árvore: e aconteceu. Quando madrugada, o Clube surgiu. Era novembro, 22, 1954. E fez-se".

AMAZONAS CULTURAL

Publicação trimestral da Superintendência Cultural do Estado do Amazonas

Governador do Estado:
Dr. Amazonino Armando Mendes

Superintendente Cultural
Luiz de Miranda Corrêa

Editor:

Arthur Engrácio

Exemplar do mês: NCz$ 0,10. Atrasado: NCz$ 0,15. Assinatura, em moeda corrente, cheque visado ou comprado, vale postal, em nome da Superintendência Cultural do Estado do Amazonas, Av. Floriano Peixoto, 218 – Manaus-Am. – NCz$ 1,00

COLABORAÇÕES – As colaborações para o AC são solicitadas pela Redação. As colaborações enviadas espontaneamente, também, são objeto de apreciação. Pedimos, contudo, compreensão para o fato de que nem sempre será possível a troca de correspondência ou devolução de originais.

Assim Nasceu o Clube da Madrugada

Dois signos, entre outros, marcam a vida do Clube da Madrugada e de cada um de seus participantes. Designam-se estes signos como liberdade e consciência. a liberdade de pensar, viver e conviver; a liberdade de ação e de express io. E a consciênciaia de optar sempre por um instrumento vivo que lhes sirva de apoio, no caso do CM, os princípios que identificam os companheiros, sem preconceito de raça, cor, crença ou ideologia. Enfim, a consciência de assumir, antes de fazer.

ANTECEDENTES

Até 1950, dominava no Amazonas o provincianismo literário, que tinha na Academia Amazonense de Letras seu principal reduto. As gerações novas, por falta de comunicação com o resto do país e o exterior, sofriam a influência direta do espírito acadêmico em arte e literatura, embora sobressaíssem algumas contribuições pessoais valiosas, mas sempre ligadas ao formulário europeu, cujos maiores representantes no Brasil já eram considerados figuras de ocaso. Corria o ano de 1949. Personagens desse tempo, um grupo atrevido de estudantes, dominado ainda pela sôfrega leitura dos nossos poetas românticos, simbolistas e parnasianos, fez de um sombrio porão da rua Dr. Moreira, 239, o lugar ideal para seus encontros diários. Esse porão servia de residência ao pintor Anísio Mello, também poeta e grande seresteiro. Frequentavam o pequeno grêmio assim improvisado: Alencar e Silva, Guimarães de Paula, Farias de Carvalho, Antonio Ventilari Corrêa, Antísthenes Pinto e Jorge Tufic. Havia outros, naturalmente. Editava-se um jornalzinho chamado "O Eco". Nesse mesmo período, Anísio publicou a revista "Amazonas Ilustrado", com três números de existência. Ambos, porém, refletiam as atividades do grupo, divulgando poemas, contos, artigos e reportagens, geralmente sobre curiosidades históricas. Os ídolos favoritos dessa época, como Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e Olavo Bilac, perfumavam com suas estrofes as sessões noturnas do "Leão de Ouro" (hoje edifício Santana), entre cujos freqüentadores se notava algumas vezes a presença de Paulo Monteiro de Lima, um dos mais legítimos condoreiros do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Paulo Lima deixou várias obras inéditas, na maioria das quais verbera o procedimento dos políticos corruptos, traduzindo altivez, desprezo e revolta contra os propósitos da Hiléia Amazônica, instituição mantida pelos que pretendiam usurpar as riquezas do solo amazônico, fundada no clássico pretexto de ajuda e boa vizinhança.

II

No conteúdo, essas reuniões tentavam reconstituir, na província distante, a então famosa "boêmia literária" de fins do século dezenove, naquele Rio de Janeiro que as litografias descrevem como o centro da vida Cultural do país, com suas ruas estreitas, seus parques tranqüilos, seus carros de tração animal, suas confeitarias. A narrativa de Coelho Neto, em "A Conquista", e a série de volumes publicados sobre a vida de cada um daqueles corifeus da Nova Hélade, de autoria do cearense Raimundo Menezes, exerciam seu fascínio e faziam pensar que nada daquilo poderia ter mudado com os anos. Falava-se muito na rua do Ouvidor, como se a principal artéria comercial da metrópole brasileira comportasse ainda a maravilha desses colóquios boêmios onde a poesia e os debates ocupavam a maior parte do tempo.

Não restava dúvida quanto ao alheamento cultural desse punhado de jovens, sequiosos por descobrir o verdadeiro comando de sua existência. Enfrentavam, por outro lado, a mentira e o isolamento geográfico. Nem os frutos benéficos da Semana de Arte Moderna de 1922, haviam chegado ao conhecimento da juventude, nos colégios oficiais. Ao invés disso, proliferava uma falsa compreensão do fenômeno estético, que difundia através dos suplementos literários idéias contaminadas de ranço e bolor acadêmico, no pior sentido de fórmula importadas. E o que é mais grave: tudo isso era feito em nome de uma "tradição" a que nunca esses críticos do modernismo souberam opor a menor resistência. Cometiam simplesmente a grande abnegação de que nos fala Ezra Pound, dando a entender que "a sua traição à grande obra do passado é tão grande como a do falso artista à do presente". Aliás, na conferência até agora inédita do professor Francisco Ferreira Batista, da Universidade do Amazonas, sob o título "Conceituação do Modernismo no Amazonas", insere-se a primeira tentativa de situar o problema historicamente.

III

O culto exagerado da arte-pela-arte, distanciando-a da realidade, favorecia, a grosso modo, essa curiosa fauna de moluscos aéreos, confinada em parte ao mero ensaísmo estilístico com base no estudo de algumas figuras do simbolismo francês, avultando entre estas a de Camile Mauclair, "o sacerdote do ritmo", assim cognominado pelo escritor Péricles Moraes. No entanto ao lado dessa literatura marcada pelo excesso da forma, essencialmente erudita, aparecem notáveis contribuições de historiógrafos e romancistas preocupados em fixar o drama do homem da região, seu meio físico, as condições etnológicas e a riqueza do solo. Mas estes eram escritores bastante modestos, que não podiam gabar-se de haver estudado na Europa e utilizavam um estilo desataviado e puro, em contraste ao martírio da frase escorreita e das filigranas verbais. Um deles foi Raimundo Morais; vem, a seguir, o lusitano Ferreira de Castro, autor do romance "A Selva", e Ramayana de Chevalier, com "Circo sem teto da Amazônia", que se pode incluir no período coberto pelo vigor da linguagem euclideana. Para melhor esclarecimento, recomenda-se aqui, a leitura da conferência "Panorama Cultural da Amazônia", de Peregrino Júnior. Peregrino divide os surtos literários da Amazônia em quatro períodos: naturalista, euclideano, ufanista e "modernista". Considera esta última fase mais orgânica, mais direta e objetiva, onde predomina o social, o humano, o documento, em vez da paisagem. Cita como seus representantes Abguar Bastos, Gastão Cruls, Dalcídio Jurandir, Raul Bopp e Peregrino Júnior.

No que diz respeito ao Amazonas, nada se pode registrar de positivo nessa área, até 1951. Sabe-se apenas de alguns modestos cometimentos poéticos, vazados à maneira regionalista do "Cobra Norato". No mais, atração pelo versilibrismo sem qualquer disciplina verbal. Explica-se a onda pelo fator de novidade. Contudo, havia uns poucos estudiosos da Semana de 22, que ficavam isolados e mudos diante da reação assumida pelos seus opositores, intérpretes, na sua maioria, de sentimentos confusos, que arriscavam extensos artigos contra Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Portinari. Parecia ainda difícil rejeitar as formas legadas pela tradição. Daí o choque, a dúvida e a busca de novos horizontes.

IV

Os anos 50 pintavam no calendário. Aquelas estranhas figuras de poetas-sonhadores que cruzavam as ruas sossegadas de Manaus, já não poderiam continuar indiferentes ao desafio de seu tempo. E o dilema proposto tornava-se claro: aceitarem o combate desigual ou tomar o caminho da fuga, seguindo resignadamente o destino de todo intelectual "deslocado" de seu meio ambiente. Esta última alternativa parecia a melhor. Acenava-lhes com boas oportunidades, além de surpresas encantatórias. A Meca brasileira dos homens cultos – aquela cidade do Rio de Janeiro da bela época – refulgia, à distância, engastada no litoral. Algas em corpo urdiam, em silêncio, o alvoroço e a expectativa do embarque espetacular, a que estavam ligados planos de futuro. Enfim, partiram nas asas de um FAB. Os ventos e eventos folhearam os dias, trazendo-lhes o ano de 1951. A "Caravana", como foi batizada depois, compunha-se de quatro: Farias de Carvalho, Alencar e Silva, Antísthenes Pinto e este repórter. O vôo militar, com escalas em diversos Estados, não poderia oferecer comodidade. Mas, os lances pitorescos da aventura souberam ocupar, com blagues e risos, o espaço da náusea e do protesto.

A pequena história da "Caravana", por pequena que seja, mereceria um capítulo à parte. Todavia, basta lembrar que ela foi mais longe do que se imaginava, fazendo a trem, ônibus e avião os trechos ainda precários do Rio de Janeiro a Porto Alegre. E no pó vermelho das estradas, eles foram deixando seus velhos cadernos de poesia. Enfrentavam, agora, uma outra realidade. Os edifícios (arranha-céus) substituíam as torres ebúrneas, e do asfalto nascia uma rosa diferente, a rosa afinal descoberta em Drummond, como o satélite da terra deixara de ser Lua, nos poemas de Bandeira.

V

1952. Em meados de abril desse ano, um quadrimotor da Força Aérea Brasileira traz a "Caravana" de retorno a Manaus. Meses depois, Alencar e Silva lançava o "Painéis", composto e impresso nas oficinas do Diário Oficial do Estado. Na parte final desse livro, o autor incluiu seus primeiros versos modernistas. Farias de Carvalho abandonava, também, os rígidos modelos tradicionais e compunha longos poemas como "Balada da Paz" e outros, cheios de lirismo e rica imaginação.

Predomina sobretudo a indisciplina vocabular, decorrência natural do rompimento com as regras fixas do classicismo, gerando-se, a seguir, uma coadunação de princípios temáticos voltados à paisagem, ao culto da mulher amada num plano mais ideal que terreno, e ao social, como expressão de repulsa ao mundo contraditório, injusto e hostil que ainda nos cerca: tudo isso vamos encontrar na poesia de quantos, ali, se aventuravam pela nova estética. Nesta mesma corrente literária está incluído Djalma Passos, cujas "As Vozes Amargas" externam com admirável fluidez a simplicidade rara e transparente de um Emílio Moura, apesar de conterem mensagens que podem ser confundidas com as do tipo panfletário.

Vista da aprazível Praia da Ponta Negra, onde o Clube da Madrugada tem realizado, com sucesso, exposições de artes plásticas, reunindo trabalhos de artistas do porte de Moacir Andrade, Van Pereira, Jair Cantanhede, Afrânio Castro, Álvaro Páscoa e outros.

Em resumo, seduzia aos novos a cadência liberta do jarrete métrico, das pausas obrigatórias, da rima incrustada com esmero. Mas esse rompimento dava-se com lentidão. A falta de leitores para este gênero de poesia inoculava o desânimo, enquanto as opiniões se dividiam em dois grupos irreconciliáveis: o dos acadêmicos e dos "futuristas", como eram erradamente considerados aqueles que procuravam reagir "ao piegüismo dos românticos e ao formalismo dos parnasianos".

VI

A segunda viagem da "Caravana" ao Rio de Janeiro, em princípios de 1953, a bordo do "Santos", navio da frota do Loide Brasileiro – levaria consigo um novo intelectual e poeta, que interrompera os estudos para seguir a carreira das letras: Guimarães de Paula. Esta viagem teria um caráter mais amplo e mais objetivo, pois visava conhecer de perto o nordeste, sua gente simples, seus costumes, seu folclore variadíssimo, seus problemas sociais. Os resultados práticos desse memorável circuito, foram além da expectiva. Em Belém, tiveram notícias do grupo "Norte", que editava uma revista na qual colaboravam Benedito Nunes, Rui Guilherme Barata, Padre Serra, Mário Faustino e Angelita Silva. O Pará já tinha inclusive seu Teatro de Amadores e um vasto círculo de estudos cinematográficos. Comentava-se muito o filme "Uirapuru", baseado na música do ballet de Heitor Vila-Lobos e dirigido por Peter Paul Hilbert. Em Fortaleza, travou-se conhecimento com o grupo clã, cuja revista, do mesmo nome, tinha como seu representante em Manaus o poeta Sabastião Norões. E assim por diante, até Pernambuco e o porto de destino.

VII

Dessa última experiência, de mundo sonhado e vivido, seria coletado o material necessário ao conhecimento de nossa própria realidade social e econômica. Assim, revigorados pela ressonância interior que lhes vinha desses brasis profundamente idênticos na sua humanidade e no seu lirismo, o reencontro com a gleba resultaria, mais adiante, na sua efetiva participação num movimento cultural nascido para agitar, sacudir, subverter e renovar toda uma ordem de valores. Não se quer dizer, com isso, que os antecedentes do Clube da Madrugada sejam apenas estes de que falamos, ou que estejam exclusivamente entre quatro pessoas que foram conhecer o Brasil. Algumas das causas, sim. Mas quanto ao privilégio de fundá-lo, este cabe a todos, quer os que foram e voltaram, quer os que ficaram. Tratando-se principalmente de um grupo eclético, que abrange várias atividades, outros depoimentos se fazem necessários.

Entretanto, se bem que nascido por simples acaso,durante um encontro fortuito entre jovens da mesma geração, o movimento madrugada aparece já com programa de luta. A desmistificação do homem da região estaria em primeiro plano. Enfim, todas as categorias do conhecimento, baseadas na Amazônia, seriam analisadas. Portanto, sua tarefa abraçaria algo mais do que combater o pieguismo da literatura decadente, mas também construir manipulando sem temor de contágio, problemas que se mantinham relegados, como prova de um distanciamento emotivo da nossa realidade. O rompimento com o versejar tradicional ainda era muito pouco. Isto, outros haviam tentado antes de nós. Convinha então fazer um esforço conjunto para compensar o atraso de meio século (em que ano surgiu a primeira tela cubista? 1905?); compreender em seus fundamentos básicos a função da literatura e das artes em nossa época; estudar a Semana de 22 como um ponto de partida, "fundação do primeiro ciclo verdadeiramente "brasileiro" (embora ainda limitadamente brasileiro) não só da nossa poesia, como de todas as demais manisfestações do homem no campo da arte e da cultura". A conclusão seria lógica: nem a literatura propriamente dita, nem as artes, nem os estudos sociais então existentes poderiam satisfazer aquele ímpeto de renovar, alargando os domínios criados por um regionalismo sem conteúdo universal, e vice-versa Estava-se a exigir, com urgência, um diálogo mais concreto entre o homem e a terra, entre a palavra e o objeto, entre o mito e o criador.

NASCIMENTO

Antiga praça da Constituição, hoje Heliodoro Balbi; também conhecida como praça do Ginásio e da Polícia Militar. Afamada pelo seu coreto, ornamentos, palmeiras, estátuas de figuras mitológicas, árvores copadas e um lago artificial que se prolonga num corte meio curvo, do centro da praça ao seu flanco esquerdo. Viveiro de patos, gansos, peixes, jacarés filhotes. À margem do lago, o porte secular de um mulateiro, único da espécie em todo local. Diante de suas raízes angulosas, seu tronco encapelado, um banco de cimento. Casais distraídos repetem a vida através de lentas passadas, enquanto a noite lhes promete que o tempo deixará de existir para os que amam. Estamos, precisamente, no ângulo em que a ferocidade de um javali em luta pela sobrevivência, dominando ao fundo um pequeno canteiro sem flores, emerge na vaga claridade do luar.

Tal deve ter sido o ambiente que servira aos primeiros encontros da turma. No lugar onde se ergue o "Pavilhão São Jorge" (hoje local de estacionamento da Polícia Militar), havia um desses chafarizes que a Municipalidade já não encarava com o mesmo sentimento que animara os urbanistas da segunda República. Este como aquele eram pontos escolhidos para as reuniões literárias, às quais comparecia um bom número de jovens iniciados no estudo das ciências políticas, sociais, das artes plásticas, do teatro, da música, do Direito e da Filosofia.

Debatia-se qualquer destes assuntos em termos elevados, mas sem nenhum proveito imediato, salvo o estímulo para novos encontros, nada lhes importando o julgamento. aqueles que dormiam sobre os louros da impunidade. E neste rol estavam, não somente os administradores da coisa pública; os indiferentes, os saltimbancos, a charlatanice e os botes traiçoeiros de fortunas e palacetes: estavam também os chamados "intelectuais", pontífices baratos da honra e defensores, aqui, de uma nobre escola literária que, por terrível ironia, em seus próprios países de origem já se havia modificado.

Daí a necessidade que sentiam de fundar um grêmio cultural, uma sociedade diferente, orientada por normas incomuns, que reunisse a todos num bloco de resistência à inércia dominante. Resistência sobretudo ao falso orgulho acadêmico, de cujo esnobismo resultou o complexo de repulsa aos temas do cotidiano, esse rico material poético que relegavam a plano secundário, predominando (ao invés) as polêmicas de cunho filológico.

Poetas, na maioria

Embora poetas na sua maioria – e poetas recém-saídos daquele período marcado pelos temas vagos e abstratos –, unia-os, contudo, a vontade de combater o adversário comum, as dificuldades comuns. Suas forças, antes dispersas, negligenciadas, incorporavam o momento palpável de reunir-se como um todo homogêneo, mesmo que se partisse do nada. O nada e seus acúleos martirizantes, cuja evidência gerava as sem-formas do caos em que todos mergulhavam, à semelhança daquele pássaro antropomórfico do grande inventor de Orfeu, a partir do qual se revela mais forte e mais contundente a presença de um mundo que precisa ser "descoberto", e de verdades que precisam ser reativadas, já que as palavras envelhecem "dentro dos homens, separadas em ilha."

A hora antes

Era bem o princípio da luta. Certa noite – o relógio da igreja de São Sebastião anunciara uma nova madrugada –, achavam-se junto ao laguinho da praça, um tanto surpresos com o avançado da hora: Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, Carlos Farias de Carvalho, José Pereira Trindade, Humberto Paiva, Raimundo Teodoro Botinelly de Assunção, Luiz Bacellar, Celso Melo, Fernando Colliver e João Bosco Araújo. Entre outros, talvez. Conjecturavam sobre um nome que exprimisse a idéia de uma associação de homens de letras sem qualquer protocolo, ausente inclusive das normas que regulam o funcionamento de grêmios, academias, gabinetes, museus, etc. A solição para o caso era procurada nas árvores, no vento, nas águas, nas lendas, em tudo. Saul externava-se contra as expressões-modelo como grêmio, sociedade e outras. Ele tinha o apoio da maioria. Lembrou-se, então, de clube. Mas, clube de que? Aqui, uma ponta de mistério começa a insinuar-se na história do movimento. Uns, dizem que a resposta foi dada pelo próprio Saul; outros, que o autor da idéia foi Luiz Bacellar. Ambos, por sua vez, encerram o assunto atribuindo ao outro a paternidade do nome. Seja como for a presença atuante da madrugada deve ter exercido o poder de envolvê-los, para que a frase de todos pudesse ter sido pronunciada por um – este UM QUE SÃO TODOS:

– Nesse caso, amigos, que tal chamar-se de Clube da Madrugada?

Além das palmas, o alvorecer ainda remoto azulando nas copas. Mas não foi lavrada, por supérflua, a competente ata de fundação. Sabe-se apenas que amanhecia o 22 de novembro de 1954, para todos os efeitos a data oficial do nascimento do Clube da Madrugada.

Madrugada 1: edição comemorativa

Escreve o editor da revista MADRUGADA 1, edição comemorativa do primeiro ano de atividades do Clube: "Logo após o dia da fundação, começamos a campanha para agrupar outros elementos que pudessem, ao nosso lado, combater pelos ideais do movimento. Esta fase foi vencida com muita cautela. Eram necessários elementos de qualidade, para não cairmos no erro de outras agremiações do gênero. Neste sentido, muita vez tivemos que mergulhar com fôlego e raça, entre pedras e sargaços. Contudo, todos os sábados mantínhamos reuniões nas quais debatíamos assuntos de maior interesse." Refere-se ainda ao surto de publicações na imprensa diária, assinadas por um número considerável de poetas e contistas ligados ao Clube; bem como ao período das conferências, revelando os nomes de Saul Benchimol e Francisco Batista, que abordaram os temas "A Economia Fiananceira no Estado Moderno" e "Conceituação do Modernismo no Amazonas", ambas pronunciadas na Escola de Serviço Social e residência do professor Freitas Pinto, respectivamente. A repercussão foi enorme.

As reuniões semanais continuaram sendo realizadas no "banco dos patos", denominação alusiva aos palmípedes que tinham no lago da praça o seu habitat favorito. Cada membro do Clube se apressara a escolher o pato de sua preferência e batizá-lo. Farias de Carvalho adotara o seu "Rimbaud", um ganso de cor escura, notívago e misterioso como o genial criador de "Bateau Ivre". Farias tratava-o com desvelo, dando-lhe de comer pão e bolacha. Mas, certo dia o poeta não encontra mais o seu querido "Rimbaud". Haviam-no transferido para outro viveiro, ou, talvez, o destino de ser misterioso lhe tivesse feito seguir o rumo absurdo de seu patrono francês. Suspeita-se até que Farias, na grandeza de seu afeto pelo ganso, o tivesse transformado em sangue de seu sangue, e carne de sua carne...

Sob a frondosa árvore (o mulateiro), são realizadas não só as reuniões de rotina, do Clube da Madrgada, como os encontros com escritores visitantes, as tertúlias literárias, os debates culturais e os lançamentos de livros. Na foto, o poeta Jorge Tufic autografa obra de sua autoria.

Uma seresta diferente

Esta fase boêmia do Clube da Madrugada atingiu, efetivamente, o seu auge com as sessões literárias promovidas no cemitério de São João Batista, depois de soar a meia-noite. Por um ferro quebrado das grades que davam para o Boulevard Amazonas, entravam os seresteiros levando consigo a garrafa de pinga, o violão, e quase sempre livros que eram lidos e discutidos nos bares. Aproveitando esse clima favorável, conferiam-se títulos e honrarias a intelectuais de renome e sagravam-se os novos de "Cavaleiros iniciados em Todas as Madrugadas do Universo" Com a espada no ombro do novo clubista, que se punha de joelhos no chão, o presidente, investido em suas funções de alto sacerdote, exclamava, em seguida ao juramento de praxe: "Eu, presidente do Clube da Madrugada, te concedo as honras de Cavaleiro das Letras Amazônicas, com iniciação em todas as madrugadas do mundo."

Dois anos transcorreram nesse ritmo. Eles tinham um manifesto a cumprir, sabiam todos da responsabilidade que isto representava, mas, não sem relutância, esgotavam as últimas saudades de um tempo que não chegaram a viver; e por que não deixar agora que a tranqüilidade da província servisse de abrigo aos arquejos patéticos de um mundo insólito e roído pela própria ferrugem? E os velhos casarões de Manaus abriam suas portas à chegada dos poetas, dos músicos, dos oradores, dos filósofos, dos revolucionários.

Algumas reuniões memoráveis na casa do Desembargador João Corrêia, Américo Antony, André Araújo e Freitas Pinto, reclamam por justiça. Essa justiça que deve ser reconhecida naqueles homens, ao tratarem com os jovens.

Mas o ano de 1957 trouxe uma espécie de desânimo. Por motivos pessoais, vários de seus fundadores abandonaram o Clube. As sessões de sábado à noite, foram ficando vazias. Dava-se o pânico, algo parecido com o final de um ciclo, dominando talvez o receio de estarem repetindo um fracasso. Pois, lamentavelmente na Amazônia, ninguém mais acreditava em sociedades desse tipo, mesmo que funcionassem depois da meia-noite.

Uma análise fria da realidade

Caberia a Benedito Nunes, do Pará, a tarefa de analisar esse fenômeno em seu artigo publicado no jornal "Para Todos", naquela ano de 1957, sob o título de "Inventário e Planejamento". Dele transcrevemos o trecho a seguir: "De quando em vez formam-se colônias de intelectuais, que irrompem na tranqüilidade estéril da vida que nos circunda. Aguentam-se por algum tempo, graças ao poder de coesão do entusiasmo. mas não reistem ao primeiro contragolpe. E se desaparecem as circunstâncias felizes e ocasionais que se fizeram surgir, desagregam-se rapidamente voltando tudo ao marasmo, à sesta constante e ao fundo melancólico das redes que é, na Amazônia, o abrigo maternal dos desencantados. As tentativas frustradas, a desesperança, a certeza prévia de que o esforço, as idéias, o talento e a coragem serão sacrificados pela vida vegetativa adormecem a sensibilidade e retardam a inteligência. A desagregação não é aqui um acidente, mas quase um imperativo".

Acrescente-se, no entanto, que o Clube da Madrugada, sem dispor de sede, nem estatuto ou demais formalidades específicas do gênero, já tinha criado uma atmosfera, um compromisso-descompromisso tendo em vista uma ação dialética para enfrentar os constrangimentos do meio. Ou — seja uma estratégia de avanços e recuos, de fluxos e refluxos, capaz de adequar aos milênios de atraso outros milênios de sabedorias, latentes na região. Esse comportamento ficou manifestado no conteúdo intelectual daqueles que debandaram, mais afeitos às atividades práticas do que propriamente às atividades estéticas. O universo lógico, que jamais, diga-se de passagem, enraizara-se totalmente nas diretrizes do movimento, retraía-se. E o universo mágico ampliava-se. Sem local determinado para reunir-se, além daquele indicado pela árvore do mulateiro, os mais obstinados decidiram reativar uma tradição poética segundo a qual, desde que reunidos em seu nome, o quorum de três daria direito de reunir o clube, tantas vezes e em quantos lugares fosse necessário. Neste caso, podia-se discutir à vontade.

As propostas e decisões é que seriam levadas a plenário, no banco dos patos.

Devido a isso, outros clubes da madrugada foram surgindo no Rio de Janeiro, em Brasília, Roma, Londres e Paris.

Sobre os dois primeiros os dados são mais concretos, vez que o do Rio contou com a adesão dos poetas Nauro Machado e José Alcides Pinto; e o de Brasília conseguiu o milagre de formar uma caravana para Manaus com cerca de trezentas pessoa, a maioria das quais tocando algum instrumento, cantando e fazendo da madrugada uma canção imortal, com Paulo Burgos ao piano e Maria Valéria interpretando "Madrugada Fria". A bem dizer, um quase alarmante canto de cisne dos tempos boêmios, de destruição das fórmulas passadistas e de reconhecimento do terreno minado que se estava pisando.

Outro lançamento de livro promovido pelo Clube da Madrugada, no local de costume, vendo-se o escritor Antísthenes Pinto autografando, para os presentes, seu romance Terra Firme.

Entre os escritores famosos (nacionais e estrangeiros), que visitaram o Clube da Madrugada, conta-se Jorge Amado, o qual foi recepcionado festivamente pelos intelectuais integrantes daquela agremiação. O celebrado romancista demorou-se em palestra com os madrugadenses, os quais além do passeio pela cidade que lhe proporcionaram, o brindaram com pratos típicos da cozinha amazônica, entre eles, uma tartarugada e uma caldeirada de tucunaré. Ladeando o famoso baiano, da esquerda para a direita, vemos: Antísthenes Pinto, Aluísio Sampaio, Ernesto Penafort e Moacir Andrade e esposa.

VIII

Vários fatores antecedentes configuram a posição do manifesto madrugada, divulgado na revista MADRUGADA 1, em novembro de 1955. Já vimos que os movimentos culturais perdiam terreno. Somem-se a isto o quadro político nacional, com o suicídio de Vargas, e o ingresso do país na era da industrialização. As ciência, as artes e as letras recebiam o sopro de amadurecimento desde o princípio do século. Na poseia, um acontecimento brasileiro de suma importância: em 1954, Ferreira Gullar pública o seu LUTA CORPORAL, que, segundo opinião do crítico e ficcionista Assis Brasil, "surgiu como o primeiro documento (alguns poemas) de uma experiência pessoal de sentido "concretizante", onde, mais acentuadamente do que em qualquer outro poeta, ele procurou dissolver a frase, quebrar o discurso, as próprias palavras, com o propósito de criar (objetivamente) novas relações entre os elementos sintáticos, ou mesmo de "romper" com a própria sintaxe".

O manifesto madrugada partindo do **status quo**, mediante constatação de que as atividades culturais, no Amazonas, sofriam um atraso de meio século, radicaliza em vários pontos o comportamento intelectual de seus afoitos signatários, que o redigiram numa hora de entusiasmo. Contudo, é inegável o interesse que ele desperta naqueles que desejam conhecer a história desse grupo. Ainda porque seu exame põe às claras o difícil momento em que foram acertadas medidas extremas e salutares. Os resultados desse exame já nos são familiares...

Restaria, portanto, a esperança de que a verdade, assim revelada através de palavras ainda quentes de revolta, fosse capaz de mobilizar as forças vivas da chamada geração dos 50. Geração enfraquecida pelo saudosismo da bela época, como se nada mais pudesse ultrapassar a fase da borracha, responsável por um chiquismo requintado mas oco de propósitos acumulativos e transformadores, quanto aos objetos artísticos de seu investimento, vivia-se, por isso mesmo, no bojo de uma ressaca federal, onde uma elite social fracassada, produto heterogêneo da exploração desenfreada homem pelo homem. Daí o afastamento emocional da realidade, "num distanciamento da natureza, num alheamento ao humano". Urgia, pois, fazer um manifesto. Não importava o estilo, nem a gramática, senão a verdade que empolga, sidera e arrebata.

IX

Após um breve, mas, incisivo preâmbulo, no qual ressalta a crise das forças intelectivas, morais, educacionais, econômicas e sociais, assim define-se o Clube da Madrugada "perante as várias categorias que o pensamento humano expressa".

LITERATURA. Não há literatura no Amazonas. Primeiro, fatores culturais e morais determinaram nos homens ditos de letras, uma posição acomodatícia, geradora de um individualismo exacerbado, que derivou no afastamento de valores que pudessem fazer perigar o seu totemismo aceito como absoluto. Segundo fatores de ordem econômica contribuiram para que elementos de valor intelectual procurassem novos meios, onde espíritos mais esclarecidos lhes ofereciam melhores oportunidades. Disto resultou o êxodo anual de moços em direção ao sul do país. Por isso, o Clube da Madrugada inspira-se nos elementos formadores de nosso ambiente, para a efetivação de uma literatura condizente com os princípios de liberdade imanente ao artista, na sua expressão literária, conjugados com os ítens acima referidos.

SOCIOLOGIA. Apesar de o Amazonas ser uma unidade da federação que apresenta elementos vastíssimos para a pesquisa sociológica, temos apenas alguns estudiosos que se detém nos problemas superficiais que afetam a nossa região. Lamentável sob todos os aspectos, principalmente, para a valorização do amazônida, quando a presente conjuntura se preocupa na revalidação dos padrões que regem a ciência social, que tem por objetivo a integração do homem no meio cultural. Vive-se, deste modo, preso a um imediatismo criminoso responsável pela incúria em que, atualmente, encontra-se o homem da gleba.

O texto desta reportagem foi extraído, com a autorização do autor, do livro de Jorge Tufic: "Clube da Madrugada: 30 Anos".

o clube da madrugada e a universidade

Jorge Tufic

Uma prova da alienação cultural que a tantos obriga a repetir os mesmos caminhos de um passado recente, consiste no fato de que jamais se cogitara de uma tese para o Clube de Madrugada, tenha-se embora que nenhum outro antecedente da Universidade do Amazonas esteja, ainda hoje, tão afinado com as mais graves preocupações de seus mestres e alunos. É só fazer uma pesquisa na volumosa produção de textos publicados em nossos jornais, entre 1954 e 78, assinados pelas várias frentes que fizeram a vanguarda do movimento, para verificar como eles **batem** com as colocações mais críticas de nível acadêmico, quer se trate de reflexões sobre a cultura no Amazonas, como este "Arte e Delírio" (Diretório Acadêmico – Universidade do Amazonas – 1985), quer de publicação oficial como a Revista da Universidade do Amazonas, na qual se ressalta, entre outros, o problema da "superação do discurso autoritário do professor."

E o que foi – e o que pretendeu – em última análise, o Clube da Madrugada, senão fazer a denúncia dos óbices que ainda hoje se mencionam, reivindicar uma Universidade para o povo e defender uma consciência amazônica sem os apelativos da moda, mas tendo o índio, a terra e a natureza como os fundamentos do que agora (e somente agora) se postula nos moldes de uma **"atitude crítica"**, ou quando se lembra a necessidade de um diálogo entre a miséria do ensino e a miséria social? Pois tudo isso já foi dito, ou começado, naqueles idos que os dramas sociais ainda não impediam o faturamento de crônicas, ensaios, contos, poemas e até projetos de romances que podem reaparecer tranquilamente nas capas de nossas melhoras editoras, sem perda de sua atualidade. É claro que, para os novos estudiosos da penúltima safra metodológica, faltará decerto, em alguns daqueles artigos de jornal, a citação de paradigmas ou arquétipos da moderna tipologia de análise estruturalista ou não-estruturalista. Dentro de um plano menos didático, em compensação, se impunha a leitura permanente de livros e a sua respectiva discussão em grupo, a mais crítica ou a mais esclarecedora possível. O caminho da "escola" já era, nesse caso, objeto da matéria escolar. Enfim, o seu contexto. No tocante aos autores, a voga então era outra. Max Weber, Ezra Pound e outros, faziam a exclusividade do Suplemento Literário Dominical do "Jornal do Brasil" (RJ), com Mário Faustino na **pedra de toque**. E ali estivemos, também, colaborando: Antísthenes Pinto, Benjamim Sanches, Ronald Chevalier, etc. No Suplemento Literário de "O Jornal" (AM), Sebastião Norões, assumindo a lateral dos "tradutores", trazia até nós a galera internacional dos clássicos e contemporâneos. Correntes e fontes *da*, para entender o *que*. Secundando, por caminhos diversificados, a tarefa dos concretos e neoconcretos. Em tudo, senhores. Não é sem motivo que a apresentação dos jovens do Diretório Acadêmico fala em resgate.

Já podemos dizer que o Clube da Madrugada teve duas fases que lhe marcam a trajetória de maneira singular: ele surge apenas como um clube, transforma-se depois em movimento cultural, e volta a ser clube outra vez. O fenômeno é compreensível, desde que o movimento não teve como se renovar, com o fluxo da geração universitária atuando isoladamente, para seu próprio "discurso pedagógico". Sem aquela abertura de que tanto se valem os mestres progressistas, no relato de experiências interdisciplinares. Ao final, com o esvaziamento da praça, esvasiou-se, prematuramente, a sonhada Universidade Livre do Pina. Mudou-se para a cátedra, levando consigo um grupo coeso de madrugadenses, forjados nas lutas políticas e no ajustamento de um Brasil independente. Quando tudo mudou. Num princípio de noite, em 1964, estando o famoso delta do Café do Pina lotado de frequentadores, habituais e esporádicos, ouve-se, de repente, um estrondo causado pelo apedrejamento do Cine Guarani. Eram soldados paisanos do Exército, que promoviam a baderna. Embora de longe, reconhecemos alguns deles. Em seguida partimos para o delta e, apenas iniciávamos um papo numa roda de conhecidos, aparece ali um Coronel, em trajes civis, que tenta nos prender. Ensaiamos o despacho de um murro, quando fomos agarrados, pelas costas, por dois brutamontes fardados. Conduziram-nos para a Ilha de São Vicente. Mas, o importante dessa história é que o fato marcava, pela sua violência, o começo de um tempo escuro para as bandas do coreto, com diversos membros do Clube da Madrugada indiciados e presos. Nos bastidores, a censura coibia a liberdade de expressão, fazendo vistas grossas para um tipo de código poético, que sabia fora do entendimento popular. Era como se passava a bílis da revolta, da inquietação e da perplexidade. Deste modo surgira a poesia de muro, uma réplica distrital, bem colocada na teoria, ao movimento carioca **Violão de Rua**. Roberto Pontual, um dos nossos na "tarefa revolucionária", restabelecia o intercâmbio com a província distante. Foi por aí, certamente, que o movimento madrugada começou a decair, chegando ao ano 70 para deparar-se, já naquela altura, com a falta de compreensão e de informação de uma ala contrária, sem dúvida capaz de reativar o movimento em declínio, caso tivesse (nele) a participação que lhe fora negada. Assim, nós vamos confessando nossa parcela de culpa pela distância em que o Clube da Madrugada se acha da juventude atual. Devemos dizer-lhe, no entanto, que o CM não são nomes de pessoas determinadas a servir de alvo para recalques a frustrações, mas, sobretudo, o Clube é uma atmosfera de trabalho, invenção, entusiasmo e criatividade a que todos pertencemos, dentro ou fora de seus quadros associativos.

São decorridos, portanto, 34 anos de sua fundação. A chamada geração madrugada confunde-se, via de regra, com a fase mais produtiva do grupo, cedo transformada em movimento de renovação cultural. Lançamentos de livros, conferências, exposições de arte, ganharam as praças. Nos suplementos dos jornais, um espaço foi aberto para a cultura, dando-se início, mediante recursos improvisados, a uma nova feição gráfica nas páginas literárias. Os tacos de madeira construídos por Aluísio Sampaio, para substituírem os acanhados "cíceros" das gavetas de "O Jornal", as xilogravuras de Álvaro Páscoa, Van Pereira e Moacir Andrade, deram a milhares de leitores, habituados a ler poesia entre anúncios de mau gosto, a surpresa de um visual diferente. Agora eles "viam" melhor a máquina interna do poema, os ganchos da crônica, as dicas do ensaio ou a técnica do conto moderno. A par disso, jornalismo cultural, fenomenológico. Trabalho de muitos, anônimo, a experiência dessa oficina, o gosto saudável por esse artesanato, mergulham no esquecimento. Mas, nem o sistema offset, nem os laboratórios de miltimeios, sabem dar-lhe continuidade. Neste, como em outros setores ocupados em relacionar o artista com o técnico, restara somente o vazio. A desmemória. Diante da qual, porém, a advertência de Santayana deixa de ser uma advertência, para servir de epitáfio: "Quem desconhece o passado, corre o risco de repeti-lo". Mas nem repeti-lo, se sabe.

Não vamos, porém endossar, aqui, as opiniões que emitimos no livro "Clube da Madrugada: 30 Anos", publicado em 1984. Concordamos, até certo ponto, com as falhas nele apontadas, inclusive, as que nos foram trazidas pelo escritor Agildo Monteiro, segundo o qual seus primeiros capítulos exigiam sequência melhor. Na verdade, nem revisão propriamente dita teve esse volume comemorativo daqueles trinta anos do CM. Com apenas vinte dias de prazo para entregar o texto original ao presidente Carlos Genésio, só um milagre o salvaria de exibir as lacunas da pressa. Justificamo-lo, todavia, como um trabalho individual, quando a norma do Clube é o trabalho de equipe. Esse livro fornece, contudo, o roteiro para um levantamento de pesquisa. Ele vale como simples relatório, ou notícia. Juízos de valor que teriam mexido na farofa literária de uns poucos intelectuais da província, fiquem também sem efeito. Quanto ao resto, gostaríamos de repetir que se trata apenas de uma simples notícia. Simples e verdadeira. O que mais se esperava do Clube da Madrugada? Dedicação à gramática portuguesa? Estudos filológicos? Ensaísmo brilhante? verso-pelo-verso? Historiografia medíocre? Debates estéreis? Preparo de atas e estatutos para instalar esse todo numa sede acadêmica? Teatrinho indígena calcado na linguagem dos colonizadores? Cinema novo de décima transferência? Música importada de outras regiões e países? Tematização de folclore? Regionalismo ou naturalismo romanesco dos seringais amazônicos? Poesia social? porralouquismo bizarro ou delírio romântico? Vanguarda da retaguarda?

Movimento cultural amazônico, o Clube da Madrugada teve um manifesto revelador e um trabalho que vai ajudar na construção do futuro. E na descoberta de que nossa cultura é falsa (sem dar colher de chá a muitos que disso fazem seu cavalo de batalha). Ela não tem raízes, nem copa, nem frutos que nos sirvam de guia. Qualquer uma de suas tangentes só leva a Camões, o bruxo. Mas antes de seu desembarque nestas praias e barrancas, cada folha, cada bicho, cada tribo, cada furo de madeira, já falava de coisas bonitas, contava a história do mundo, das gentes, dos peixes. Para onde foi esse lendário? Para onde foi a sabença milenar que até hoje deparamos no calendário dessana? De que maneira podemos falar em resgate de nossa identidade cultural, se as rupturas e influências são tantas e tão desencontradas? Em breve, talvez, um só romance ou livro de poemas nos dará o resumo de tais possibilidades no esforço de resgatar essa linguagem perdida. Linguagem que é saber, definitivo e pleno. Quando chegar esse dia, não valerá mais cada grupo de estudiosos repetir a ladainha do caldo derramado. Nem se acusarem mutuamente, por algum fracasso. Isso é triste e vergonhoso, principalmente quando se sabe que a tematização de problemas ligados ao poder, nem sempre comporta analogia. Por exemplo, a "mexicanidade" de Octavio Paz nada tem a ver com a metáfora de nossa "caboclitude". A herança histórica e cultural confere a cada povo colonizado um modo próprio de ser e de agir. Uma "bibliografia" desse gênero, apressada ou mal digerida, sofre a tentação de aparecer, mesmo que indevidamente. Esta é, com certeza, uma das maiores diferenças entre a geração madrugada e a geração universitária. O artifício das citações traz de volta um passado contra o qual a primeira sustentou uma luta feroz, mas bem sucedida.

Mensagem aos Amazônidas do Futuro

Ramayana de Chevalier

São portadores desta Mensagem os senhores Carlos Farias de Carvalho, Jorge Tufic e Joaquim de Alencar e Silva.

Pelas mãos dos que vieram por conhecer o Brasil, egressos do mundo selvagem, jovens amazonenses como vós, escrevo ao vosso coração, num dos mais graves e dos mais inspirados momentos da história brasileira. Os vossos irmãos, devoraram quilômetros, arrostaram com as dificuldades da aventura, para sentir, no ritmo atordoante das máquinas, a voz pressaga de um país que cresce desmesuradamente sem um sentido clássico de equilíbrio e de esquema. Por intermédio deles vos falo, crente sincero na vertiginosa intrepidez do vosso pensamento e na firme convicção que vos torna mais ligados à terra e ao Sonho!

A Amazônia já ultrapassou a sua fase-literária. Pede ação, utilização, humanismo. Ao reverso do uivo elemental dos curupiras, devem dominar as largas solidões equatoriais, os ruídos das engrenagens em movimento, a voz rouca e febricitante das máquinas modernas. Mas vós nascestes pobres, torturados pela crise pertinaz que reumatisa às iniciativas planiciárias: Sois gigantes manietados, avejões de envergadura forte, jungidos às geenas de uma quase miséria nativa. Viveis cercados de esplendores, caluniados pela ciência zarolha, fustigados pela injúria dos observadores apressados ou ausentes, sem socorros possíveis e sem programas perduráveis. Poucos homens, em nossa terra, mantém nas mãos a quadriga de Cresus, em meio às multidões que se afogam nos repiquetes, que mergulham com os barrancos catastróficos, que se rasgam nos ervaçais, que vegetam nos bairros obscuros, que se debruçam, como pernaltas soligâmbias, cismarentas e perdidas para a época, sobre os rios indiferentes, ou invadem a selva, todos os dias, à procura da morte homeopática dos seringais! Vive-se, na Amazônia fora de sua esplêndida e abandonada capital, a certos trechos, como em pleno período neolítico.

Conta-nos a história que os lacedemônios eram parcos e sóbrios, resistentes e rudes, criados para a guerra. Não seriam mais do que o íncola Amazônico, nossos irmãos caboclos. No grego, a sobriedade era estratégica. No amazonense, é filosófica. Habituou-se à inércia, defende-se com a serenidade, esconde-se na inação, resume-se na posta do peixe salgado e no trago de aguardente, na mistura de pimenta e no naco de farinha, dentre as volutas do seu "tauari" de fumo bruto. Mas, instigado ao esforço, peitado à reação, picado no orgulho, transfigura-se!

É uma tempestade de músculos desvairados, um monstro de resistência e de ação. Passada a necessidade, cai de novo, na modôrra dos simples, que nada esperam de nada. Essa raça não está morrendo, nem desaparecerá. Ela espia o futuro por sobre os ombros da ambição humana. Ela tem certeza de que , sem os gadanhos de aço, sem os peitos rudes das entrosagens, sem a marcha feroz dos tapirís metálicos, sem o arrojo dos gasterópodos mecânicos, o Homem não poderá vencer a brutalidade da jungla. Os nordestinos, bravos e destemidos, porém, desavisados e desprotegidos arigós, nossos irmãos do litoral, desconhecem a estranha filosofia do mariscador visionário. Embrenham-se, deixam as pestanas fluviais, os cílios de palmáceas das orlas, enfrentam o monstro silente que os espera com a interrogação de Édipo. E morrem, ou descem os caudais desiludidos e enfermos, ou se entregam à cronicidade endêmica que debilita o corpo e galvaniza e espirito. Vós sois filhos de ambos, deveis trazer na alma a violência ingênita do caatingueiro e a hercúlea placidez do mariscador de lagos e remansos. A dor poderá ter-vos apostrofado a esperança, dos limiares da adolescência. Mas a restinga de sonho que serpêia em vosso coração haverá de criar, na integração da terra ao concerto universal do progresso e da vida, uma tatuagem sangrenta, que significará o vosso juramento na conquista da Amazônia do futuro!

Arregimentai-vos politicamente. Uní-vos, com o pensamento na luta, necessária e pertinaz. Colocai as vossas necessidades aquém das tremendas desgraças do vosso bêrço. Eliminai pela palavra falada e escrita, da lembrança do povo, todos aqueles que nem sequer chegaram a fazer tremer a superfície do profundo problema amazônico, nos encargos que lhes foram outorgados. Percorrei, em associação sistemática e jovem, sob os auspícios daqueles que vos compreenderem honestamente, os quadrantes do mediterrâneo equatorial levando, ao vosso irmão explorado e oprimido, o óbulo da esperança, a força da solidariedade e o esclarecimento de sua própria fôrça, na expressão da unidade democrática que êle representa! Sereis como bandeirantes de espíritos, plantadores de ações cívicas.. Só unidos, congregados sem corrosivas competições egoísticas em tomo de um programa de rehabilitação da terra e do homem da Amazônia, podereis reinvidicar, de frente, com os olhos nos olhos do Governo Federal, as energias que a vossa terra e o vosso futuro exigem do destino e do Brasil!

Não pode haver diletantes do sorriso, quando um continente inteiro mergulha na autofagia e no pecado moral. Não pode existir um jovem indiferente, quando as suas irmãs se esterilizam na solidão, os seus países aumentam a frôta dos veleiros de Koch, a sua terra cada vez mais se afasta dos azimútes do progresso, pelo pauperismo e pela insensibilidade dos políticos profissionais!

Há duas maneiras de se morrer como um passarinho: – a primeira, exalando o último suspiro, ao cabo de um padecimento de alcôva de longa duração; a segunda, com um tiro no peito. Esta é a maneira daqueles que preferem a luta à inação, a liberdade ao jarrête, o critério à acomodação criminosa, a justiça à paz aparente e hipócrita, o movimento progressista à decadência tácita e humilhante. Na rispidez da expressão vai um símbolo para os heróis. Não é preciso a rebeldia armada, que arrasta ao cáos e à miséria. Urge a união dos espíritos, afirmando vontades e clamando, com sobranceria, para um Brasil que se dilata em núcleos, a ponta de um organismo imenso e enfraquecido, embora um corpo macrocéfalo que terminasse por estagnar-se sem membros obedientes.

Estamos atravessando uma fase perigosa e difícil para a nossa pátria. Não poderemos entregá-la aos mais fortes, nem vê-la perecer por inanição. A Amazônia, no caso, desempenha o papel de despensa fechada. Não se apercebem dela, não cogitam do seu imenso futuro, quando nela, nas suas dilatadas latitudes, no vigor de suas reservas petrolíferas, no valor do seu conteúdo florístico mineralógico, reside a geratriz de um formidável esquema de necessidades públicas!

A geratriz e a solução. Clama-se por estradas de penetração, a rasgar o país tornando-o viável ao comércio e a indústria e na Amazônia as estradas já existem, despejadas por Deus dos contrafortes andinos, nos rumos do Mar Oceano, abrindo-a à iniciativa poderosa, escancarando-a à ciência e à audácia, no mais barato e accessível dos meios de transporte: – a cabotagem.

Mais perto dos centros consumidores europeus, antilhanos e norte-continentais, nenhum outro ponto mais digno de atenção e de estudo. Admitamos mesmo, pela proximidade do canal do Panamá, nenhum outro trecho do Brasil mais próximo do Oriente, a estagnar-se, na amplidão do seu poderio telúrico, faunístico e floral, como alguém que, possuindo tudo, definhasse na miséria, sem socorro e sem luzes n'alma e no coração.!

A previsão genial de Euclides está de pé: – ou se cogita da Amazônia, ou ela se desmembrará do Brasil, como de uma nebulosa se destaca um astro pela própria força impulsora de sua rotação!

É com o pensamento cheio de entusiasmo pela ressurreição da Amazônia, dos arquipélagos da foz aos respaldos da Cordilheira, ungido de um profundo amor pelo Brasil e pelo continente sul-americano, que eu aguardo, na ação dos moços da planície, o começo de um movimento patriótico, cívico e técnico, no sentido do aproveitamento do mais vasto celeiro do planeta.

Que a juventude amazônica ocupe o lugar a que tem direito, na propulsão da mesopotâmia sul-americana, com a certeza de que a sua voz, unissona e leal, completada pela solidariedade dos seus trabalhadores de sua imprensa moderna e ilustre, dos seus próceres bem intencionados, das forças vivas de sua indústria e do seu comércio, será ouvida pelo Brasil, num instante de emancipação e de independência, de restauração física e moral, ao cabo de uma corrente de lama e de opróbrio em que a despejaram, no caldo dessorante de uma política de campanário e de individualismos.

Com uma fé inquebrantável no homem que vive e luta na Amazônia, lanço, a vós moços planiciários, uma palavra de estímulo que é um grito de esperança e de justiça, mostrando-vos a força da vontade e o caminho da técnica, esses dois fatores imortais de redenção do trabalhador moderno!

(20/3/1952)

Ramayana de Chevalier, falecido em 1972, nasceu no Amazonas, formando-se em medicina, na Bahia. Romancista, jornalista e poeta, deixou três livros publicados e grande número de artigos esparsos na imprensa brasileira. Foi um entusiasta ardoroso do Clube da Madrugada.

Clube da Madrugada

Pe. Nonato Pinheiro

Há mais de um decênio que o Clube da Madrugada vem se firmando e afirmando como expressão de tenacidade e pujança no campo das artes e das letras, movimento de vitalidade e renovação, dirigido por uma plêiade de talentosos moços, que encaram o problema da cultura com dignificante espírito de seriedade.

Quando surgiu o movimento, inspirado em manifestações similares noutras áreas literárias e artísticas do país, no espírito que animou a "Semana de Arte Moderna", promovida em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, com palestras, conferências, declamações e exibição de artes plásticas, já era eu acadêmico e senti, no dealbar ou na floração daqueles primeiros impulsos renovadores, certa descrença da parte de alguns vultos de nossas letras planiciárias. Desde o início, entretanto, observei nos rapazes acentuada posição para levarem a coisa a sério..

Liam, estudavam, produziam, trocavam idéias e comentavam os últimos lançamentos, do país, no mundo livresco.

Acompanhavam o movimento artístico e literário, aqui e alhures, com vivo interêsse. Não dispunham de uma sala, sequer, para seus encontros. Que importava? Qualquer porão ou nesga de jardim bastava aos seus intercâmbios culturais. A praça de Heliodoro Balbi foi palco das primeiras tertúlias e continua a ser teatro dos encontros dos clubistas, aos lampejos do sol, se é dia; sob o pálio das estrêlas, quando é noite.

Crescia o movimento. Novos sócios vinham unir-se aos pioneiros. Alguns transferiam-se para a metropole tentacular, sonhando com melhores vantagens e posições. Outros permaneceram, mantendo crepitante a chama do ideal. Outros ainda retornaram, renovando-se no espírito primitivo que animou o Clube. Vieram os primeiros lançamentos. E ao editar-se a primeira seleta, a "pequena antologia madrugada", já o movimento estava consolidado. Cada nova manifestação dos clubistas era uma explosão e afirmação de pujança, de vigor, de vitalidade. Da fase sonhadora, mesclada talvez de certa indisciplina, compreensível nas instituições nascentes, passou-se à fase das definições, no encalço de uma disciplina e de um roteiro. As equipas movimentavam-se conscientemente, e a cidade tomou conhecimento de que os rapazes se decidiram a tomar posição, a despertar vocações nascentes, a incrementar o movimento artístico e literário, servindo com devotamento à cultura. O Clube da Madrugada era uma realidade seivosa.

Tenho consciência nítida, de que sempre estimulei êsses moços, que surgiam diante de minhas pupilas tocados pela centelha eletrizante de um ideal superior. É só consultarem minha colaboração na imprensa amazonense, que já se avoluma de vinte anos, e terão a prova convincente. Cheguei ao escritor Péricles Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras, ao tempo da fundação do Clube da Madrugada, de quem fui colaborador imediato e cotiano nos movimentos culturais que entendiam com a Casa de Andriano Jorge, que observasse os rapazes, que lhes acompanhasse os passos na seara das letras. Avancei a idéia do aproveitamento de alguns para a Academia, no intuito de uma revitalização do sodalício. Os clubistas têm consciência dessa posição. Outros confrades, como Aristophano Antony, também assim pensavam.

Como quer que seja, entendo que a linha do Clube da Madrugada não deve ser a de oposição à Academia de Letras. Ambas as entidades devem visar ao incremento literário e artístico, tendo em mira o progresso cultural do Amazonas. Não devem ser fôrças antagônicas. mas fôrças vivas, formando uma mesma dinâmica pelo soerguimento pensamental, pelo esplendor das letras e das artes, pelo culto do idioma e da literatura nacional.

O Clube de Madrugada possui nomes expressivos em seus quadros: Aluísio Sampaio, Alencar e Silva, Edson Farias, João Bosco Evangelista, A'lvaro Pascôa, Carlos Gomes, Farias de Carvalho, Jorge Tufic, Artur Engrácio, Pedro Amorim, Ivens Lima, Jefferson Peres. Afrânio Castro, Evandro Carreira, Miguel Barrela, João Bosco Araújo, Saul Benchimol, Antonio Augusto Gurgel do Amaral, J. Maciel, Hanneman Bacelar, Luís Bezerra, Padre L. Ruas, Sebastião Norões, Getúlio Alho, Ernesto Pinho, Ernesto Penafort. Antísthenes Pinto, Oscar Ramos Filho, Pedro Santos, Cosme Alves Neto, Guimarães de Paula, Nauro Machado, Nazareno Tourinho, Assis Brasil, Astrid Cabral, Nivaldo Santiago, Teodoro Botinelli de Assunção, Leopoldo Peres Sobrinho, Djalma Passos e Moacyr Couto. Servi-me de uma relação que me foi oferecida pelo clubista Jorge Tufic, cuja ordem nominal mantive.

Já é volumosa a coleção dos livros lançados pelos clubistas. Farias de Carvalho brindou-nos com "Pássaro de Cinza," bem festejado pela crítica. E' sem favor um dos mais belos talentos poéticos da nova geração, refulgindo ainda como excelente declamador. Jorge Tufic, outro poeta de raça e intelectual de elevadas preferências mentais, deu à estampa "Varanda de Pássaros", na qual, em verdade, só gorjeia uma ave: o pássaro de sua maviosa inspiração. Alencar e Silva, que já nos havia dado "Painéis," voltou com melhor garbo e amadurecimento em "Lunamarga", sua última conquista, saudada com desbordante entusiasmo. Padre Luiz Ruas, um dos brasões mais refulgentes do Clube, é autor da "Aparição do Clown", que revelou um poeta de impressivos e expressivos surtos e uma inteligência de radiosa claridade. "Poesia frequentemente" é de Sebastião Norões, discípulo fervoroso de Dario e Guillén, livro que patenteia um intelectual e poeta de muita sensibilidade e intuição. Antisthenes Pinto, que estreara como inspirado poeta em "Sombra e Asfalto", em que há claridades de plenitudes e olhares serenos de pupilas de sonhador, surge agora como novelista, sobraçando o seu "Chavascal", núperlançado. Na crítica literária acompanho com interêsse e aplausos a desenvoltura de Aluísio Sampaio e Artur Engrácio, cujas recensões refletem a agudeza e o faro de conspícuos analístas. Engrácio ainda brilha no conto e na novelística, e suas "Histórias de Submundo" dão-nos o fôlego e as dimensões do contista.

Na pintura, na escultura, na xilogravura, no campo fascinante das artes plásticas, o Clube da Madrugada apresenta uma plêiade de admiráveis artistas, alguns de renome nacional: Moacyr Couto, Hanneman Bacelar, Getúlio Alho, Afrânio de Castro, A'lvaro Pascoa e outros que honrariam os melhores e mais exigentes salões de arte.

Na eloquência e oratória há um nome que se impõe vitorioso: Evandro Carreira, já consagrado num concurso nacional de oratória. No campo das ciências sociais e econômicas Jefferson Peres e Saul Benchimol são figuras de alto relevo, que dignificam qualquer instituição de cultura. No mundo empolgante do canto e da música esplendem Nivaldo Santiago, Pedro Amorim e outros.

O Clube da Madrugada possui uma flor escarlate em seu jardim, que lhe dá realce e encanto: é Astrid Cabral, a mais talentosa de quantas alunas tive no Instituto de Educação. E' a única mulher, a florir com seu formoso talento no sodalício presidido pelo meu amigo Aluísio Sampaio. Em hora ausente, sei que Astrid não perde o contacto com o seu Clube, e sempre envia suas produções.

Soube com certo constrangimento que alguns clubistas se afastaram: Elson Farias, Luis Bacelar e Francisco Vasconcelos, todos três valôres positivos. Respeitando sua posição, com a qual nada tenho que ver, lamento que hajam desfalcado as fileiras do Clube, deixando de colaborar num movimento tão simpático de renovação e incremento nas letras e nas artes. Ficaria satisfeito com o seu retôrno. Estou certo de que seus irmãos os receberiam de braços abertos.

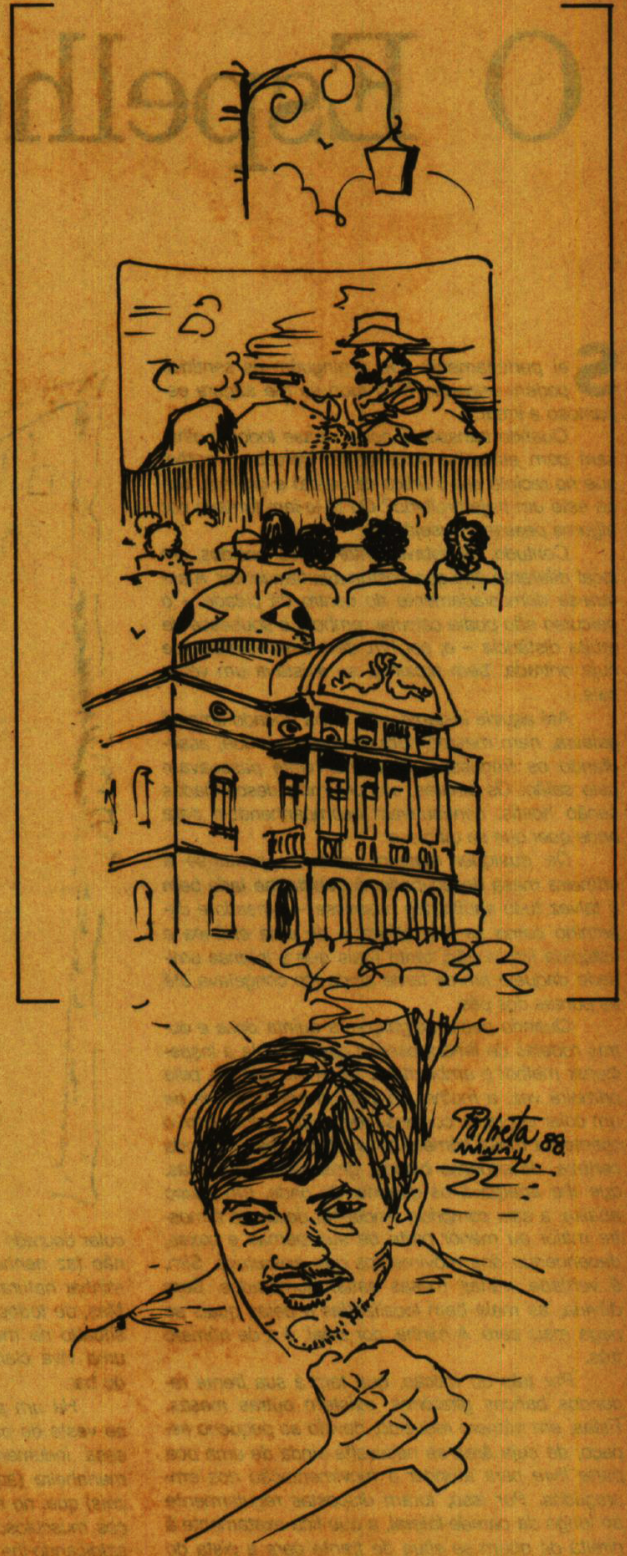
Muitos são os que me perguntam acêrca de minha posição em face do movimento do Clube da Madrugada. É de plena fraternidade e simpatia. Embora minha formação intelectual tenha sido eminentemente clássica e acadêmica, a verdade verdadeira é que nunca me prendi a escolas, pelo menos de um modo exclusivo. Sou como a abelha industriosa, que vai de flor em flor, à cata do néctar para o fabrico do mel delicioso. Sempre me atraiu o princípio da variedade: "varietas delectat". Tenho poetas de minha mais alta estima e preferência em tôdas as escolas e correntes literárias. Afinal, o que monta não é a escola, mas o talento do intelectual e do poeta. Só há uma realidade: é a POESIA. Como quer que seja, dou em letra de imprensa o meu abraço aos sócios do Clube da Madrugada, exortando-os à continuação da peleja em prol do progresso cultural de nossa terra. Ergamos bem alto o nome do Amazonas na comunhão nacional pela afirmação da nossa inteligência, no cultivo fascinante das boas letras e das belas artes!

Pe. Nonato Pinheiro é amazonense e pertence à Academia Amazonense de Letras. Jornalista e ensaísta, é expressiva a colaboração que empresta à imprensa de Manaus. É detentor de vários prêmios literários.

Elegia Derramada

Astrid Cabral

Manaus de matinês que sabem a flertes e chicletes.
Chaplin, bangue-bangue, Gordo e Magro, astros
[a brilhar
nas telas dos cines Politeama, Guarany, Avenida
[e Eden.
Noturnas madrugadas de sinos, galos e lerdas
[estrelas,
alturas de lua morosa, sobras de chuva pelas sarjetas.
No púlpito da Matriz o padre possesso vocifera contra
comunistas e protestantes e joga as chamas do
[inferno
para apagar os irreverentes bocejos nos bancos
[da igreja.
Manaus que acorda com bondes dlém-dlém por ruas
[de pedra,
resmungo de lanchas pelas barrancas a luzir
[lamparinas
ruído de serras a esfarelar lenha pras bandas do
[Caxangá,
bate-bate de lavadeiras limpando as nódoas da vida
nas propícias cacimbas e rasas correntezas do
[Quarenta.
Manaus cheirando a borracha, bogaris, andiroba e
[pau-rosa,
pães-de-milho e erva-doce que chegam pontuais
[às portas
em vespertinas visitas de tabuleiros e cestas de vime.
Verdureiros a vender verdura com o orvalho da
[véspera
amoladores que negociam o fio das facas e dão
[de quebra
fagulhas e o fino falsete de metálico mineral gemido.
Manaus de patrióticas paradas, setes de setembro
[ajaezados
de chapéus, luvas, polainas, pendões, mascotes
[e balizas.
Bandas alvoroçando praças na filigrana dos coretos,
[pondo
euforia ou melancolia nos enredos de amor tão cerimo-
[niosos.
arcaicos rituais, platônicas tranças de bem-querer
[mal-querer.
Bailes e blocos nos sábados gordos e magros dos
[clubes,
cordões e corpos carnavalescos em carros de capota
[aberta,
valsas, marchas, mambos-jambos, sambas e frenéticos
[frevos
Bodas com banquetes, batizados e aniversários de
[farta mesas
transbordando bolos: mães-bentas, babas de moça e
[biscoitos.
Manaus de eloquentes, loquazes comícios de loucos
[rivais
políticos: pessedistas, pessepistas, petebistas,
[udenistas
e demais alas dissidentes, alto-falantes e rádios
[bradando
inflamadas falas por salas e becos: avalanches
[oratórias,

plataformas que se propõem domar o caos e consertar
[o mundo.
Manaus de portas lojas de turcos, brilhosas fazendas
[no chão
de vitrines entupidas, vidros de perfume, potes de
[brilhantina
quinquilharias, peças de rendas sujas, ranço de mofo
[e mijo.
Bares, joalherias e farmácias belle-époque, requinte
[e luxo
de mármores e cristais que invadem as escadarias e
[esquadrias
de solarengas casas num outrora de acácias e
[buganvílias.
Manaus de banhos e agrestes piqueniques em picadas
[e igarapés,
passeios em férreas pontes e improvisadas hesitantes
pinguelas,
flutuantes que são favelas em baixo-relevo no painel
[dos rios,
pardas praias em que aportam catraias de relutantes
[peixes,
cais de diligentes incansáveis guindastes abastecendo
[a cidade
de esnobes fomes de batata inglesa, manteiga da
[Holanda, rubros
redondos queijos do Reino, vinhos da França, linhos
[da Irlanda
e mais mil cargas de sonhos e fugas estocadas nos
[anchos bojos
de vapores tisnados de Europa, vigias fedendo a
[gringa maresia,
âncoras nas mesmas águas de mendigas canoas e
[nativos gaiolas,
abarrotados de gente carimbada de impaludismo e
[miséria.
Manaus de altas mangueiras a compor portais de arcos
[de ruas,
a estraçalhar vidraças, impacto de frutas sob fúria de
[chuvas,
que desmoronam tetos de nuvens e fazem ganir cães
[vira-latas,
soezes comensais do lixo que fermenta às soleiras sob
[o sol.
Tardes tarjadas de jururus urubus debruando beiras de
[casario,
céus que papagaios de papel e tela singram em aladas
[batalhas
sobre telhados encarunchados e postes floridos de
[trepadeiras,
galhadas em que papagaios decorebas cantam
[peremptas cantigas
e desafiam as manhas de macacas de sutiã e calcinha
[ganhando
o tão difícil dia-a-dia para saltimbancos malandros
[cafetões.
Manaus de negras águas onde naufrago. Manaus de
[águas passadas.

Astrid Cabral, amazonense, é poeta, ensaísta e contista. Pertence ao Clube da Madrugada, o qual ajudou a fundar. Foi professora de literatura, na Universidade de Brasília, possui 6 livros publicados, entre poesia e prosa e, atualmente, como funcionária do Itamarati, serve no Consulado do Brasil, em Chicago.

O Espelho em Frente

Aluísio Sampaio

Sei perfeitamente que a ninguém os sentidos podem enganar. Mas tudo se me afigura espantoso e irreal.

Quando transpôs a porta, quase todos o olhavam com estranha curiosidade. Percebeu, então, que no recinto era o único de paletó e gravata. Seria este um traje proibido? Ou tê-lo-iam tomado por alguma pessoa indesejável?

Contudo, ali estava, entre desconhecidos, em local diferente dos que costumava frequentar. Afastara-se demasiadamente do centro da cidade – o percurso não podia calcular, embora o soubesse de muita distância – e, por fim, dera com este bar, de cuja entrada, bem próximo, se avistava um velho cais.

Até aquele instante, não havia trocado uma só palavra, nem mesmo com as mulheres que, assediando os fregueses, constantemente passeavam pelo salão. Os olhares, sempre mais desconfiados senão hostis, continuavam acompanhando-o para onde quer que se dirigisse.

De qualquer maneira, resolveu sentar-se à primeira mesa desocupada. A bebida lhe faria bem e talvez tudo aquilo não passasse – cansado e deprimido como se encontrava – de uma errônea e estúpida impressão, tanto mais que a intensa umidade daquele fim de tarde ainda lhe congelava até as pontas dos pés.

Quando pediu ao garçom a quinta dose e outras rodelas de limão, passou com cautela a inspecionar melhor o ambiente. E foi então que viu, pela primeira vez, a mulher de vestido preto, ornada de um colar dourado, conversando muito alegre com o cliente da mesa número nove. Um árabe, com toda certeza, de espesso bigode, grossas sobrancelhas, que lhe apalpava os quadris, de onde, um pouco abaixo, a saia comprida fendia-se, deixando à mostra maior ou menor parte de sua pernas e coxas, dependendo dos movimentos que executava. Sim, é verdade, várias mesas estão numeradas. Sem dúvida, as mais bem localizadas e pelas quais se paga mais caro. A minha, por sinal, é a de número três.

Por trás do balcão, que tem à sua frente redondos bancos giratórios, existem outras mesas. Estas, em número reduzido, devido ao pequeno espaço, de cuja área se necessita ainda de uma boa parte livre para atender à movimentação dos empregados. Por isso, foram dispostas regularmente ao longo da parede lateral, a que fica exatamente à direita de quem se situa de frente para a pista de dança. Um grande espelho de formato retangular, guarnecido de moldura prateada, faz contraste com a parede de fundo. Em sua superfície, onde se vêem anúncios com letras abertas em tinta vermelha, encontram-se também alguns cartazes e fotografias, espaçados um do outro, com figuras alusivas à vida do próprio bar. Veja, por exemplo, o primeiro a contar da esquerda para a direita, na fileira dos que estão afixados ao alto e que tem a parte de cima colada, aproximadamente três centímetros, no lado superior da moldura, pois bem – esse pode ser o retrato da mulher vestida de preto com seu colar dourado em volta do pescoço. Observa-se que não faz nenhuma pose. Pelo contrário, parece caminhar naturalmente por entre as mesas do salão. Mas, de todos, o que mais sobressai é o do centro, situado na mesma fileira, no qual a incidência de uma viva claridade permite ver os frequentadores do bar.

Há um personagem, de aparência triste, que se veste de paletó e gravata, talvez o único a usar essa indumentária. Igualmente, se distingue um marinheiro (aqui perto, me informaram, existe um cais) que, no momento, agita nervosamente os braços musculosos. Ao seu lado, um bêbado vomitou, salpicando-lhe os pés com os resíduos do vômito. Mas o garçon e o "leão de chácara" já se aproximam e, com certeza, o conduzirão para fora, pedindo desculpas ao marinheiro que, em meio ao rebuliço, visivelmente enfurecido, exibe agora a mulher tatuada na pele alva do antebraço. A calma, porém, volta a envolver a atmosfera do bar, ao cabo da cena desagradável. Só o natural ruído das vozes, que no ar se confundem e a música continuam.

A mulher de preto, finalmente, encontrou um par. Um homem jovem, sim, de vasta cabeleira, calças justas, alguns penduricalhos. Conversam por instantes e, em seguida, saem para dançar. Mas, no momento, a orquestra executa um ritmo diferente e eles, diante da pista, bruscamente se detêm. A atitude parece indicar que o jovem desistiu, formulando alguma pergunta sobre o ritmo desconhecido para si. A mulher, entretanto, já não lhe dá a mínima atenção e logo se distancia, como se desse a entender que fora desfeiteada. E agora é possível que o jovem se consulte interiormente se já não está ficando desatualizado, pois, de outra forma, não permaneceria imóvel, atônito, como quem tivesse sido apanhado de surpresa.

Lá adiante, o solitário homem de paletó e gravata se ocupa em retirar pequenos cubos de gelo do balde de metal cromado. Mas, ainda, no cartaz do centro (é dele que estamos falando) vê-se perfeitamente o "leão de chácara", de braços cruzados, recostado em uma das folhas da porta dos fundos. Diante dele, o árabe comenta o incidente há pouco passado e, descruzando os braços, o "leão de chácara" esclarece: "O marinheiro tinha toda razão em revidar-lhe a insolência".

– Que insolência? O homem estava bêbado, era, pois, natural que vomitasse. Ou não?

– Mas não vomitou. O que fez foi escarrar nos pés do marinheiro. E, além do mais, o marinheiro me falou que acabara de engraxar as botinas.

– E daí, levaram-no preso?

– Sim. Será devidamente processado e julgado.

Lá fora, a chuva de muitas horas passou, mas o vento frio e úmido ainda sopra. Recorro, pois, à dose de conhaque que o garçom acaba de me trazer. Desta vez, no entanto, me pareceu muito mais forte que das vezes anteriores. Queimando-me a garganta, como brasa se me instalou no estômago, revolvendo-o. Sinto uma vontade desesperada de vomitar, embora saiba que não deva fazê-lo. Controlo-me portanto, trinco os dentes e ajusto a língua com rigidez contra o céu da boca. O marinheiro está ao meu lado, bem perto de mim, a tatuagem quase roçando-me a cara. E é, deste modo, que consigo verificar a semelhança que tem com a mulher de vestido preto, até em pormenores como as covinhas do rosto. Sim, é certo, omiti-lhe essas covinhas, tão bem pronunciadas e que lhe dão um certo encanto. Contudo, se fizer um pequeno esforço, você poderá descobri-las, mesmo quando já não forem imóveis no cartaz do espelho em frente (aquele, a contar da esquerda para a direita, na fileira dos que estão afixados ao alto e que tem a parte de cima colada, aproximadamente três centímetros, no lado superior da moldura).

Também é possível descortinar o jovem cabeludo, ainda que visto em segundo plano, a um canto, na extremidade direita. Nervosamente, ele morde a medalha, de tamanho exagerado, que antes batia de encontro à fivela do seu largo cinturão.

Se ensaia alguns passos é, no entanto, para deter-se um pouco adiante a fim de melhor observar o casal que vai deslisando ao compasso da música, trocando pernas, indo e vindo, girando e girando em suaves evoluções, até que, em dado momento, mais um giro e ... zap... a moça quase se desprendeu, retornando, porém, segura, as coxas inteiras de fora, as saias esvoaçantes, aos braços firmes do cavalheiro. A medalha, de pura bijuteria, não resiste às dentadas. E a mulher de vestido preto já desapareceu.

A medida em que a noite avança, com maior ou menor intervalo uma a uma ou em pequenos grupos, as pessoas abandonam seus lugares, não sem antes, na maioria, consumirem as últimas gotas de bebida. O marinheiro, por seu turno, aproxima-se do corredor de saída, enquanto o "leão de chácara" acaba de fechar a porta dos fundos atrás de si. Em suas bandejas, os garçons começam então a recolher os copos e as garrafas vazias.

Mas, num último quadro, que a muitos pode passar despercebido, a cena talvez reproduza os acontecimentos do fim da noite. Na calçada, a uns trinta passos da porta do bar, um homem está estirado, de bruços, a cabeça profundamente golpeada, coberta por uma pasta de sangue. Um pouco adiante, na semi-escuridão do outro passeio, alguém foge em passos largos, quase correndo. Um grupo de pessoas, ali perto amontoadas, talvez tenha testemunhado o assassinato e, entre elas, algumas parecem gesticular um protesto.

Quando me aproximei, porém, a polícia já havia retirado o cadáver, não sem proceder na ocasião as diligências cabíveis, do que, no entanto, pouco ou quase nada ficou, para nós, esclarecido. A identidade do morto, por exemplo, permanecia incógnita, assim como a do homicida. Só a hipótese de acidente, que se pretendeu levantar a princípio, ficara anulada, tendo-se em vista, além da perfuração encontrada no ventre da vítima, o depoimento de pessoas que, embora à distância, puderam distinguir dois homens que se engalfinhavam, um dos quais, depois de ser atingido no crânio, tombou sobre o chão. Tudo se passara muito rápido, sem tempo para reconhecer o agressor que, às pressas, escapara, protegido pelas sombras da noite.

Conquanto sejam nítidas as imagens centrais, há detalhes à sua volta que a vista turvada não consegue definir. E, por mais que a argúcia nos oriente no sentido de algumas pistas, fornecendo-nos elementos que se vão harmonizando até a uma conclusão plausível, a verdade é que não se pode saber ao certo se a vítima é aquele bêbado do incidente passado no interior do bar, assim como não é provável que o personagem em fuga seja o marinheiro. Os pequenos traços se perdem na nebulosidade dos tons, tanto mais quanto a visão não permite uma apreensão mais segura.

Com rapidez, os garçons prosseguem na limpeza das mesas desocupadas. E quando os últimos fregueses se retiram, os cartazes permanecem onde se impõem à vista, no grande espelho retangular. A orquestra finalmente parou e o bar está vazio.

Só um homem, lá adiante, num canto escuro, quase esquecido, continua bebendo. Os braços apoiados na borda da mesa, cigarro nos lábios, ele tem agora o paletó dobrado no espaldar da cadeira, o nó da gravata frouxo e o colarinho desabotoado.

Aluísio Sampaio é jornalista, crítico e ficcionista. Foi presidente do Clube de Madrugada diversas vezes, devendo-se a ele a reestruturação e reabilitação desse órgão, no consenso público, numa fase de aguda crise por que passou.

do encontro com a face verdadeira

Alencar e Silva

Sei que escrevo coisas que às vezes me parecem estranhas, embora reconheça que no fundo, nada nos pode ser verdadeiramente estranho. Só as aparências é que emprestam aura de estranheza àquilo que escrevemos. No mais, creio bastará alguma atenção para que o fim mágico da comunicação seja instantaneamente atingido. O que penso, ou que deixo de pensar, interessará a alguém? Em que razão será tomado o que escrevo? É de supor-se que qualquer outro – e não eu – pudesse fazê-lo melhor? Mas, por que outro, e não eu? Ou, pior, por que eu, e não outro?

Explico-me.

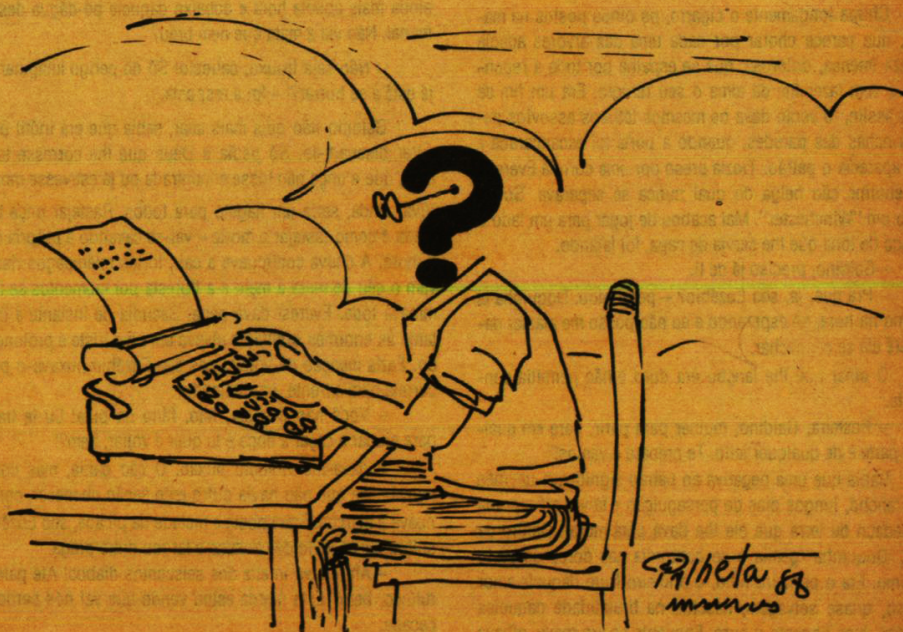
Se digo que estou em busca de mim mesmo, nada haverá aí de extraordinário. Nem de novidade. Mas há, por certo, um ponto de partida. E isto é tudo.

No fundo, todos nós estamos nos buscando. E nos pressentindo. E nos farejando. Num reflexo. Num perfume. Todos nós. Conscientemente ou não. Em maior ou menor grau. Mas todos. Sem a falta de um, sequer. Pois, se um ou alguns hoje não o fazem, amanhã ou depois o farão. Sem que um só deixe de empreender a grande busca.

Quem me diz ser assim? Os livros? É sabido que nem tudo se aprende nos livros: que algo de preexistente e sábio em cada um de nós luta por exprimir-se. Por revelar-se. Talvez, a sublimação daquela faculdade que nos põe em sintonia com o todo e com todos. E nos faz empreender a busca fundamental, em que o amanhã não será uma hipótese. Nem também o depois. Eles chegam. Inexoravelmente. E só então nos damos conta de que nos buscávamos.

E começamos a redescobrir as coisas. Os seres. Os elementos. O universo que nos cerca.

E tudo se banha de luz nova. E transparece em seus aspectos insuspeitados, revelando-se, entregando-se, como se desde antes de inventados tivéssemos marcado esse encontro. Nós e os seres. Nós e os objetos. Nós e as coisas. E o universo. Cara a cara. Sem disfarces. Sem subterfúgios. Sem meias-palavras. Sem meias-verdades. Nós: unidades pensantes e únicas – porque verdadeiramente únicas – em nossa nudez absoluta diante de tudo! Sem arrepios. Sem covardias. Sem pusilanimidades. Nus. Verdadeiros. Imperturbáveis. Quer estejamos limpos de culpa, quer cobertos de pecados. O fundamental é que nos encontremos a nós mesmos. Em que circunstâncias não importa. Vale é que caminhemos resolutamente para o espelho. Para a luz. E nos reconheçamos na definitiva revelação da nossa face verdadeira. Aquela que preexistia, subjacente, como a visão sob uma catarata congênita. Aquela contra a qual nada conta e nada pode. Nem o tempo. Nem os azares. Nem nossos amigos. nem nossos inimigos. Nem nós próprios. Por mais que fizéssemos por fazê-la submergir para sempre o esquecimento. Pois ela voltaria à tona. E se faria outra vez encontrável, reconhecível, subsistente, dominadora. Como quem acabasse de deixar as águas pesadas do dilúvio. Ou as águas translúcidas de um rio. Ou emergisse da superfície de um espelho. Ou, simplesmente, descerrasse as pálpebras sob o cristal alegre da manhã.

Íntegro – e sabendo-se íntegro. Único – e sabendo-se único.

Alencar e Silva é poeta e cronista, com 6 livros publicados. Pertence ao Clube da Madrugada, tendo sido um de seus presidentes. Além dos trabalhos reunidos em livro, possui grande número de crônicas e poemas estampados em jornais e revistas de Manaus e outras cidades brasileiras.

ÁSPERO CHÃO

Arthu

Galdino cisma na tarde chuvosa, pitando o seu cigarro de tauari. Pita e bebe o café da chocolateira que três blocos de barro cozido sustêm sobre umas poucas brasas que o vento não deixa extinguir. Ah, fosse mais moço! Certo não estaria a olhar a chuva cair pesadamente naquele duro chão de Santa Rita. Mas os braços de Galdino não mais se governam, das pernas de galdino, só uma executa os movimentos naturais. A outra, fina e seca como uma taboca, apenas sabe balançar-se qual estranho pêndulo a protestar constantemente contra o sêo Euzébio. Não gosta de se imaginar inválido. O pensamento vem sempre trazido pela chuva, que como que o transporta ao cenário do seu sofrido infortúnio. E a chuva, por isso, é sua inimiga. Não que ela seja realmente má – favorece as seringueiras, que ficam mais fartas, mais produtivas, com o leite bom de defumar; lava os campos e o capim é aquela beleza para engordar o gado e as criações; cai nos roçados, e a mandioca, a macaxeira, o milho dobram de tamanho e dão aquele momento de felicidade que os moradores de Santa Rita experimentam, quando a safra é maior. Não, a chuva não é de todo má. O que de fato é má é a recordação que ela lhe traz, a forma de fazê-lo sofrer mais de uma vez.

– Chi!... Essa não é pra já.

O frio aumenta e ele se chega mais para junto do fogo. Pintado, também, sente frio e se enrola todo feito um emboá, ganindo baixinho, a cauda espantando mosquitos impertinentes. Galdino acende outro cigarro, cuspinha grosso para um lado, põe-se a imaginar.

– Ah, invernão danado!...

Chupa longamente o cigarro, os olhos postos na mataria, que parece chorar por cada uma das árvores aquela tristeza imensa, dolorosa, que se espalha por toda a redondeza e vem fazer-lhe da alma o seu refúgio. Era um fim de tarde assim, o vento dava os mesmos tétricos assovios pelas frinchas das paredes, quando a porta foi escancarada e nela aparecia o patrão. Trazia preso por uma correia Everest, seu enorme cão belga do qual nunca se separava. Sob o braço um "Winchester". Mal acabou de jogar para um lado o pedaço de lona que lhe servia de capa, foi falando.

– Galdino, preciso já de ti.

– Pra que, já, sêo Euzébio? – perguntou. Doquinha tá mesmo na hora, só esperando e eu não posso me afastar daqui até ela se desachar.

O olhar que lhe lançou era duro e não permitia contradita.

– Besteira, Galdino, mulher para parir, pare em qualquer parte e de qualquer jeito. Te prepara e vamos!

Sabia que uma negativa ao patrão significava um mês sem rancho, longos dias de perseguição e talvez até a perda do pedaço de terra que ele lhe dava para morar. Dentro da rede, Doquinha gemia e se contorcia nas dores do parto próximo. Era o primeiro filho, o primeiro fruto daquele amor rústico, quase selvagem, nascido na brutalidade daquelas brenhas, mas honesto e puro. Enquanto se arrumava, olhava de esguelha sêo Euzébio, procurando adivinhar-lhe as intenções. Para que o quereria? Ele se sentara num caixote e fumava impaciente. Por duas vezes gritou para dentro do quarto.

– Ainda não, Galdino?

Na verdade, sua intenção era retardar o mais que pudesse a sua saída. Respondeu-lhe que já ia, estava pronto, esperasse mais um minuto. Em seguida olhou para a mulher, seus olhos suplicavam-lhe que não a deixasse só, não tinha medo que ela morresse?

Lá fora, sêo Euzébio tornou a gritar.

– Como é, rapaz, vem ou não vem?

Não havia por onde escapar. Baixinho, pediu à companheira que tivesse fé em Deus, seu parto haveria de ser normal, sem novidade, ele não demoraria. Beijou-lhe a testa lavada de suor, passou-lhe de leve a mão pelo ventre intumescido, apertando-lhe os dedos. "Tudo há-de se arranjar, Doquinha. Tudo há-de se arranjar!..."

II

Por algum tempo caminharam sem se falar. O patrão, na frente, Galdino atrás. O cão, estranhando a chuva que lhe caía pesadamente sobre os flancos, seguia entre os dois, as orelhas murchas, a cauda entre as pernas agigantadas. Foi ele quem quebrara o silêncio.

-Mas, sêo Euzébio, do que se trata?

– Nós vamos atras daquela maldita onça que me carregou o Barão. Você não escutou os tiros? Foi há coisa de vinte minutos e talvez o cachorro ainda esteja vivo. Vamos por esta picada aqui.

Ponderara-lhe que era perigoso rastejar onça baleada, ainda mais àquela hora e debaixo daquele pé-dágua descomunal. Não via a mata que nem breu?

– Não seja frouxo, caboclo! Só do perigo imaginar, tu já está a se borrar?! – foi a resposta.

Galdino não quis mais falar, sabia que era inútil procurar dissuadi-lo. Só pedia a Deus que lhe corresse tudo bem, que a onça não fosse encontrada ou já estivesse morta. Viva, ainda, seria um flagelo para todos. Rastejar onça baleada é como rastejar a morte – vai-se cavando a própria sepultura. A chuva continuava a cair, fortes relâmpagos riscavam o céu de meio a meio e a floresta por momentos se iluminava toda. Everest dava pena. Sacudia de instante a instante as enormes orelhas e uivava um uivo triste e prolongado. Fazia menção de voltar, mas sêo Euzébio puxava-o pela correia para a frente, praguejando.

– Você não é besta, não, filho da puta! Eu te trago para ajudar a caçar a onça e tu quer é voltar, hem?!

E dava-lhe violento puxão. O cão gania, mas como percebesse que não havia outro jeito senão obedecer, continuava a marcha. Transposta a metade da picada, sêo Euzébio soltou um assovio de cansaço e largou outra praga.

– Ah, chuva infeliz dos seiscentos diabos! Até parece dilúvio, hem? Esta merda estou vendo que vai nos perder a caçada.

A mata, nesse tempo, já era uma negridão só. Os carapanãs, minúsculos zíngaros endiabrados, surdinando-surdinando, iam afinando os violinos para logo mais atacar na orquestra regida pelo sapo-boi. Milhares de outros insetos saíam dos seus esconderijos e começavam o seu trabalho de azucrinação. Sêo Euzébio, demonstrando fadiga, fez sinal para que parassem.

– Vamos ficar aqui um instantinho, caboclo. Essa desgraçada não deve estar longe, e logo nós estamos botando a mão nela. Que tal agora uma talagada?

Sem esperar resposta, puxou a garrafa do cós da calça e estendeu ao acompanhante.

Galdino, com a garrafa na mão, hesitou um instante. Ali estava a sua condenação. Encostasse-lhe o gargalo à boca e talvez não voltasse vivo para casa. E ele queria tanto voltar, tinha que voltar para junto da mulher cuja imagem, desde que lhe apertara a mão, não mais lhe saíra da mente. Lembrava agora com que expressão de dor e desespero ela acompanhou-o até à saída da barraca. "Não vai! - dissera-lhe -, não vê que tou assim? E se eu não resistir?..." Sim, se ela não resistisse ao parto? Naquele momento mesmo podia estar sobre a esteira, esvaindo-se em sangue, aos gritos, sentindo dificuldade de botar para fora o curumim. Confiar em parteira como velha Bernardina, já quase cega, não confiava. "O que lhe estaria acontecendo, minha Nossa Senhora?..." Como, se em vez da garrafa, tivesse à mão uma cobra, estremeu horrorizado e atirou-a ao mato, gritando para sêo Euzébio.

– Nao posso beber, não, patrão. É com franqueza que não posso!

Sêo Euzébio soltou um grito de indignação e, rápido, agarrara-o pela gola da blusa e começara a sacudi-lo e a esbofeteá-lo.

Poderia ter revidado, era novo e forte como ele, mas que lhe adiantaria? Não tinha o seu poder nem o seu dinheiro, e agora mais do que nunca dependia dele, a mulher não estava naquela situação? Olhou para o comerciante, ele se encontrava agora agachado, de costas, a lanterna na mão procurando raivosamente a cachaça. Matava carapanãs e praguejava, examinando atentamente o chão. Por fim ergueu-se, vitorioso, a garrafa na mão. Seu rosto tinha nesse instante outra expressão e ele se encaminhou para o acompanhante esboçando um meio sorriso.

– Mas, rapaz, com este frio de arrepiar até a alma, ainda não queres beber? Bebe, meu sacanão, anda. Deixa de frescura! Esquenta bem o couro e os colhões que a caçada vai ser braba. Nós só vamos voltar para casa, quando encontrar essa peste!

– Ah, patrão, hoje cana não me entra mesmo não! – insistiu na negativa.

– Não entra? Ora, ora não me diz que estás com medo de ficar porre. Viraste, por acaso, alguma mariquinha? Ah, ah, ah... Dá até graça, Galdino enjeitando cachaça!... Olha para cá, vê como é que se morde a **bicha** – falou e ao mesmo tempo entornou a garrafa na boca, absorvendo-lhe quase um terço do conteúdo. Depois, estalou os lábios para demonstrar satisfação e ofereceu de novo a garrafa ao caboclo.

A chuva, agora chuvisco, continuava a cair e o frio era insuportável. Galdino compreendeu tudo, não lhe restava outra alternativa. Pegou a garrafa e bebeu sofregamente, sem pausa, sem interrupção, sob o olhar deliciado de sêo Euzébio, que conseguira persuadi-lo.

– Agora vamos patrão! – disse-lhe, enquanto entregava-lhe a garrafa. Vamos matar esse diabo!

DE SANTA RITA

Engrácio

Com a bebida, agora sentia-se mudado. Um entusiasmo que não era dele mas produzido pela aguardente, acendia-lhe fogo nas entranhas. Por um instante deixou de pensar na mulher, no primeiro filho que ia nascer, só desejava acabar o mais depressa com aquilo tudo.

– Vamos, sêo Euzébio! – tornou a chamar.

Puxando o cão pela correia, ele levantou-se e pôs-se a caminhar. Como portasse a lanterna, ia na frente, o rifle debaixo do braço, atento a tudo quanto era movimento. Com a chuva, a picada cobrira-se de lama que chegava ao meio das canelas dos caminhantes e do animal. Contornaram uma caída de pau, transpuseram um tronco de castanheira tombado, a lama fazendo-lhes glub-glub nas pernas das calças já tornadas em fiapos. Galdino vez por outra olhava para o patrão e percebia estar ele disposto a caminhar se preciso até ao inferno. Bebia continuamente o resto da cachaça que ficara na garrafa, praguejava em altos brados contra os insetos e mandava certeiros ponta-pés nos traseiros do cão.

– Ah, cachorro filho de uma égua! Ah, molengão! Por que em vez do Barão, não foste tu que a onça carregou?

A picada agora terminava numa pequena clareira cheia de galhos e cipós entrelaçados, que desciam das árvores e formavam aqui e ali grupos variados de tapumes. Everest levantou para o alto o focinho e pôs-se a latir nervosamente, ora avançando, ora recuando. Um cheiro forte de sangue penetrou-lhe violentamente as narinas como uma lufada quente de vento. Instintivamente os dois homens estacaram.

– Sêo Euzébio, falou Galdino, o bicho tá por aqui pertinhozinho da gente. É ter cuidado, é não facilitar, sêo Euzébio.

Avançaram mais uns passos, o foco da lanterna passeando lentamente em derredor. O cheiro do sangue era mais ativo e como que nascia de sob os seus pés. Sêo Euzébio continuou a focar, dirigindo a luz para uma grota próxima até atingir-lhe amplamente o interior. Um vulto lhe surgiu à vista. Chegou-se mais para perto e soltou um grito entre histérico e escandalizado.

– É o meu Barão, Galdino, é o meu Barão!...

Pediu-lhe que não gritasse, para não atrair a fera que estava ali por perto, o bicho achava-se ferido (já havia percebido rastros de sangue) e aquele bicho ferido era pior que o Satanás. O comerciante não fez caso da advertência e ordenou-o a descer naquele instante à grota e lhe trouxesse o cachorro sem demora.

– Patrão, insistiu, a onça pode estar por aí.

– Onça?, onça é aqui o meu 44! Desce já-já e me traz o animal, caboclo, senão eu faço tu descer à bala. Quer ver?

Diante da ameaça, começou a penetrar no buraco. A chuva havia passado, mas tornara o terreno escorregadio e ele achava dificuldade em tomar acesso ao cão. Por fim conseguira agarrá-lo, mas já estava morto, parte dos quartos traseiros devorados pela fera. O cansaço entorpecia-lhe penosamente os músculos, inútil carregar só a carcaça do animal. Mas não se atrevia a dizer isso a sêo Euzébio. Pegou o cadáver e começou a arrastá-lo para fora da grota. Caminhava a passos trôpegos, quando um estalido seco soou-lhe sobre a cabeça. Quis recuar, mas já tarde demais. Agudas garras penetravam-lhe agora os músculos das costas, dilacerando-os como impiedosas navalha. Por um momento Galdino e o enorme gato rolaram pela clareira sob o olhar impassível do patrão, que ria e gritava diabolicamente.Embriagado, em vez de socorrer o acompanhante, soltava uivos de maldição.

– Tomara que a onça te liquide, caboclo moleirão! Tomara! Tu deixaste ela matar o meu cachorro!

III

Revigorado pela aguardente, Galdino sustentou encarniçada luta com o felino, que tinha contra si uma perna baleada. Cutilando-o desesperadamente com pedaços de pau que a mão ia agarrando na refrega, só algum tempo depois lembrou-se do punhal que trazia na cintura. Alma nova o invadiu todo de repente. A certeza de ter uma arma à mão, naquele instante, encheu-o de mais força e coragem para enfrentar a fera – com o punhal poderia liquidá-la.

Mas tinha que safar-se primeiro das suas garras para poder empunhá-lo. Com redobrado esforço, deu um salto para trás, a arma firme na mão. Esperou que o gato armasse novo bote, o que não tardou. Sorrateiramente, pisando o chão com estudada macieza, os olhos chispando fogo, foi-se chegando para o caboclo. Rosnava, alisava a cara e, repuxando de repente as orelhas para trás, atirou-se sobre ele. Galdino, as costas apoiadas numa árvore, embebeu-lhe o aço três vezes no vazio. A bruta rolou pelo chão estrebuchando, o sangue escorrendo-lhe forte dos golpes. Nos estertores da morte, batia-se pelas árvores, enchendo a mata com os seus urros apavorantes.

Depois da luta com a fera, sentia um estranho peso nas pernas. Não podia caminhar, sêo Euzébio desaparecera. Sem luz para voltar, caiu ali mesmo, morto de cansaço, os braços entorpecidos, a roupa empapada de suor e sangue. Quando acordara, pela manhã, faltavam-lhe os músculos da perna esquerda. O sangue coagulara-se sobre os ferimentos, que fediam muito e sobre os quais moscas em bando patinhavam. Arrastando-se, arrastando-se, conseguira chegar à barraca, onde Doquinha não era mais a mulher que ele tanto quisera em vida, mas, um cadáver, de ventre mais volumoso, de fisionomia mais triste.

IV

Galdino bebe mais um gole do café, ajeita entre os dedos mirrados um novo cigarro e fica contemplando a chuva, que continua a cair. E, sem perceber, dos seus olhos baços – reflexos de seus males e angústias –, uma outra chuva, também, começa a descer mansamente.

Arthur Engrácio é ficcionista, crítico e jornalista, havendo exercido esta última atividade em quase todos os jornais que se editam em Manaus. Tem 12 livros publicados, vários prêmios literários e jornalísticos. É um dos mais antigos sócios do Clube da Madrugada.

poemas de max carphentier

O poeta Max Carphentier, em manhã de autografo, na Praça Heliodoro Balbi, ao lado da árvore sob a qual nasceu o Clube da Madrugada e onde os clubistas se reúnem para os seus encontros literários.

SANTA TERESA EM SEVILHA

Santa Teresa reza... A Andaluzia,
Como a estrela que sobe de uma cela,
Aos céus se eleva pela noite fria,
Nas asas santas da vigília dela.

Por um Cristo que sangra nas madeiras,
Os pombos de suas mãos, do alto da cruz,
Soluçam às velas – pálidas lareiras –
Brancos de prece, trêmulos de luz!

Santa Teresa, não te aquece um manto,
Nem uma flauta límpida nos breus
Celebra a lua do amoroso pranto...

Não te assistem os homens, nem os lírios.
E ninguém vê que a lágrima de Deus
Nos teus olhos flutua ao luar dos círios...

PRESÉPIO

... E Te revejo límpido de infância
na estalagem sonhada pela estrela:
os Magos e pastores, mirra e palha
tremeluzem, se elevam no ar de prece.
Harpas em salmo, sobre o teto frágil,
são presságios de amor ao luar dessa
única noite que não morre e brilha
no coração eterno dos humildes.
Na vigília serena de Teu berço,
um jegue ganha dimensão de arcanjo
e o rosto da Mulher se transfigura.
Pelos caminhos, cândidas ovelhas
se aconchegam na relva, e a paz da lua
cobre a face vencida dos abismos...

DA FÉ

Serena vens aos poucos e te mostras
vida e palavra dessas coisas limpas
com que estruturas meu encantamento.
Langor na brisa lúdica que esgarça
rosáceas róseas, ramos rumorosos,
tens, flauta tênue, timbre das ternuras
de Quem falou de ti sob as figueiras.
E te conheço na manhã, no esforço
do pólen, na fecunda rebeldia
da semente que estoura, no cansaço
da mão que se abre afago e construção.
Vens e me tomas. Súbito, na sala,
a música me lava, e me cais leve
lágrima e pluma plácida, ligeira.

Muro de Faces

Antísthenes Pinto

Vira um pouco pra lá, se eu cair vai haver um estrondo. Estúpido, queres que eu esmague o Toninho? O corpo de Sandoval escolhe a posição habitual: de bruços.

O escuro tapa toda a sordidez do quarto. Um odor podre desprende-se das paredes, das tábuas, ganha corpo entre o seu e o da mulher. Um túmulo, o quarto. Ela me repele, me odeia, vejo nitidamente em seus olhos. Ele não tem mais jeito, é um joguete do vício, acaba me deixando, mais dia, menos dia. Hoje Sandoval só me inspira piedade, e saber que o amei com tanta ternura. Preciso encontrar um meio de afastá-lo de minha vida. Desde que a situação desandou Rosa passou a me olhar com outros olhos. Será que... Não é possível, não é possivel, não creio, sou mesmo um cretino. Agora é tratar de esquecê-lo completamente, preciso fazer de Toninho um homem, nem que eu tenha que me rebentar contra o mundo.

Rosa reza sem acreditar em nada. Fala com o santo (pronuncia-lhe o nome sem que ninguém possa captá-lo) como se estivesse conversando com uma pessoa de sua intimidade. Pede-lhe forças para suportar, sem transparecer, a ninguém, a vida de decepções e misérias, onde o próprio sol chega-lhe triste como um pássaro machucado.

Respira assanhando a nuca do filho. Ela dorme. Vou ao bar tomar uma dose, senão a maldita tremedeira não me deixa. Muda de posição para ver se de fato a mulher dorme. É, sim, vou sair. Desce do leito, tateando pelas paredes. Veste-se, ganha o corredor bolorento. O vento bate-lhe na carranca, fríssimo.

Sandoval saía habitualmente do quarto no meio da noite. Os pés vencem fácil a escuridão. Chega à porta.

Aquela casa horrenda e imensa pertencera a algum figurão do império. Hoje, uma "cabeça-de-porco", todos os quartos numerados à mão, uma casa de cômodos, temida por todo o bairro. Nela a polícia havia registrado uma pilha de crimes, desde a morte estranha do octogenário pederasta, até o recente assassinato da mãe pelo filho. Moradores sem qualificação. Frutos da latrina, como dizia a velha Palmira, do quarto 6. Duas horas. O tráfego parado, ninguém pelas calçadas. Na esquina a luz de gema derramava-se até o meio da rua. Vinha do bar cujo nome Sandoval conhecia mas não tinha nenhum interesse em guardá-lo de memória. Lá muitas vezes bebera até perder por completo os sentidos. E quando acordava, estava sempre na cama, ao lado da mulher e do filho. Quem é que me leva para casa? Não me lembro, absolutamente, de andar com estes pés. É algo sobre natural, disso tenho certeza. Quando eu morrer o meu corpo sairá da catacumba para andar banzando pelas ruas, bebendo cachaça à toa? Estou perdendo o juízo, onde já se viu um morto andando, bebendo?

O marido não era Sandoval e sim o Silvino, o homem do lado. Tinha-a nos braços suados, recendendo a víveres de cais do porto. O filho, embora fosse o Toninho, não se apresentava como a criança de oito meses que era e sim com uns dois anos e havia dúvidas quanto ao sexo; ora menino, ora menina, mas mesmo menina a chamava de Toninho. Não moravam naquela casa de cômodos, não. Um apartamento de janelas escancaradas para o mar. Um mar vermelho e absurdo. Rosa, eu te quero tanto. Silvino dizia esse tanto com tamanha preguiça que ficava ridículo e imundo. Mas ela o queria, forma estranha. No íntimo sabia que Silvino era morador do quarto ao lado, o estivador amante da nordestina que tinha uma cicatriz obscena no lado esquerdo do rosto. Todos contavam que aquilo tinha sido feito à faca, quando num dos acessos de maconha. Me aperta, querido, não sei explicar porque, mas me machuca, gritava nos braços do estivador. Ele ria mostrando os dentes podres. Rosa, eu te quero tanto. Já não mais o mar ali em frente, coisa esquisita, agora em seu lugar, uma rua inclinada em cujos lados só se viam mutantes de todos os tamanhos. Animais. Homens. Árvores. Toninho, no seu calcanhar, chorava alto e cortante. Virou-se para o filho, que susto, aquela cara toda de Sandoval.

A mulher parada no meio fio. Sandoval aproximou-se, ela o encarou, altiva. Chegou-se ainda mais pra perto da mulher. Ela sorriu desses sorrisos que só à noite são capazes de nos sensibilizar. Não tenho mais jeito para essas coisas. O que devo dizer-lhe? Talvez não seja quem eu estou pensando. Que ingênuo, vou até lá, sim.

Espera alguém? O ônibus, ela respondeu, impassível.

Quebrou-me a argumentação – matutou –, eu também espero ônibus. Ah é? espalhou o hálito de um sorriso morto no rosto dele. Longe de amolecer, voltou-lhe o ânimo, sentiu-se forte como um boxeur. Segurou o braço da mulher e beijou-a com violência. Aceita um drinque? Ela balançou a cabeça que sim, ganharam o rumo do bar. Escolheram a mesa do canto, mãos entre as mãos, olhar reto em cada olhar. Pareciam velhos conhecidos. Ainda bem – pensava – que elas nos põem logo à vontade e o fazem com tanto tato, eu gosto disto, eu gosto. Havia homens de aspectos maltrapilhos, macambúzios, encostados no balcão. Bebiam cachaça cuspindo nos próprios peitos. A mulher desviava os olhos com nojo. Sandoval os beijava com toda a força dos instintos. Súbito, ela afastou com as pontas dos dedos e disse séria: O teu mal é não acreditares que estás há muito tempo morto.

Acorda filho, acorda. O cão de teu pai deve estar caindo pela sarjeta. Há dois dias que não aparece. Apalpou-se, foi à janela, a rua, lá embaixo, amarela do sol, assanhada de gente. Teve vontade de rir e de chorar. Tudo teria sido um sonho? Correu ao espelho. Nisso, batem à porta. E a voz: polícia!. Quem procura? Um tal de Silvino.

Ela entreabre a porta e aponta, com o braço trêmulo, o quarto ao lado. O homem esconde um riso sarcástico, dá-lhe as costas e sai lançando o pânico nos ratos com a enormidade dos seus pés. A cabeça-de-porco já estava toda cercada pela polícia. Sandoval foi vencendo o cerco sem que ninguém o percebesse. Atravessou a rua, olhou obliquamente o bar, observou o português roliço, atrás do balcão, insatisfeito como um porco. A freguesia habitual, entornando cachaça, encarquilhando a cara, cuspindo estupidamente no próprio peito. Na esquina, mergulhou as mãos nos bolsos, assombrado porque elas estavam roxas e pulsavam como dois sapos. Os curiosos foram chegando, parando, indagando por que os soldados amarelos armados de fuzis? Sandoval não tolerava a multidão.

Tinha por ela um ódio profundo, antigo, inexplicável. E a multidão se formava alí, hostil como sempre, compacta.

Os empurrões, as xingações à mãe morta, os tapas, haviam criado raízes e irremóviveis o acompanhavam dentro e fora do tempo.

Alguém o chamou pelo nome. Procurou o muro de faces, para os lados, para trás, a repetição gutural, mas clara: Sandoval! Arrastou-se e viu uma mulher insinuar-se no meio da multidão, afastar-se. Ele perseguiu-a, era a mulher da véspera, tinha certeza,para que tanta pressa?

Teve vontade de perguntar. As pernas doíam, dobravam-se, a multidão ia abrindo caminhos, não obstante alheia àquela mulher que enverdecia sob o clarão do sol. Mas para ele a multidão olhava hororizada. Depois as vozes agressivas:

– Olha as mãos gigantescas desse louco!

– É um bicho, cuidado, chamem a polícia!

Sandoval, se arrastando. As vozes se tornando ininteligíveis aos seus ouvidos.

Antísthenes Pinto, amazonense, é poeta, contista e romancista. Está incluído em diversas antologias e livros paradidáticos. A sua novela **Os Agachados** recebeu o Prêmio Suframa de Literatura de 1.985. É membro do Clube da Madrugada, do qual já foi presidente duas vezes.

TOURO GUARUJÁ

Benjamin Sanches

A coisa foi feita de repente. Era um trabalho praticado todos os dias e ficara fácil. Quando o vaqueiro largou o último grito, aquele montão de gado já estava todo repisando o estrume do curral à procura de agasalhar-se o melhor que pudesse. Ficariam ruminando e dormindo à noite toda. Fora da cerca, apenas, como sempre, o touro Guarujá no cumprimento do delicioso dever de pai do campo. O seu dever. Dever de passar as noites rondando o curral, para impedir que alguma onça faméli-ca viesse sangrar um dos seus . Era uma paixão desinteressada. Puro amor consagüíneo. Todos, com exceção da vaca velha, eram produtos seus e seus com os seus produtos. Quando ali chegou, era apenas um componente de um casal isolado, e o campo foi crescendo à medida que ele enchia. Foi enchendo e elas esvaziando, sem nunca difamar o seu temperamento másculo. Isto, desde o tempo em que, com o valor atual de um quilo de sua carne, comprava-se ele inteiro.

Não obstante ter travado batalha incessante para repelir os inimigos, o seu pelo lustroso mostrava, tão somente, a cicatriz de um rasgão recebido ao enfrentar, valentemente, uma pintada quase do seu comprimento. No entanto, o seu estratagema foi superior ao dela. Ficou espichada no terreno e o seu couro é o tapete da sala de visitas do criador. Exercitou toda a sua capacidade de brigar, apenas com o sortilégio de um acidente. Naquela época, ficou prostrado mais de uma quinzena e, não fosse um tratamento especial, que roubou noites e dias de rezas ao curandeiro, a morte o teria arrancado do capim. As vacas urraram, danadamente, à sua espera. Aquele encurralamento estava impedindo-as de uma vida inteirada. Algumas, cujos corações batiam mais forte pelos seus interesses de amantes, chegaram a jejuar completamente. Talvez morressem, morrendo ele.

Em passos graves e a cabeça erguida, com a pose de proa de encouraçado, dava a segunda volta por fora do curral, quando a corda do vaqueiro, traiçoeiramente, enlaçou os seus chifres. Chegou a desacreditar no que via, a ponto de seu rabo deixar de chicotear os insetos. Há mais de seis anos não recebia aquele insulto, que era um achincalhe à sua veteranice de impecável comportamento e aos seus merecimentos, por tempo de serviço. Aquele enigma não poderia perdurar. Teriam que lhe dar satisfações sobre aquela aleivosia de emboscada. Volveu a cabeça para fitar a cara do seu aprisionador.

– por que este miserável veio cortar a minha respeitabilidade, com um talho de corda? – Chicó, sem se exprimir, sentiu-se encabulado. Trabalhava na fazenda há cinco anos, aproximadamente, e nunca o havia melindrado. Tinha-o como o supremo animal daquela área. Mas, a ordem veio do alto. Era uma ação própria, no entanto, ilegítima, por-

que estava fora de sua vontade. Por ele, levá-lo-ia por caminho que findasse no céu. Guarujá não entendeu, ou não aceitou, aquela muda explicação e, numa intolerância de animal selvagem, não quis saber se ele tivesse rido ou chorado, depois de praticar aquela dureza. Riscou o chão com os cascos, botou fogo nos olhos e avançou. O mulato, que já previa a sua ira, deu dois saltos para o poente e numa ação rápida e premeditada, deu uma volta com a corda pelo tronco da castanheira, o que obrigou o touro, no esticado, enfiar a cara na grama e, numa doida cambalhota, esparramar-se na queda, enquanto lhe dava tempo para amarrar a ponta num mourão da cerca.

– Epa touro bom! Mas, o Chicó é melhor. – gritou numa explosão de vitória.

Levantou-se forçando a canseira, sacudiu o couro com os músculos e ficou caminhando em ritmo esfalfado, por onde o tamanho da corda consentia. Chicó, depois de descartar-se daquele risco agudo, retirou-se, assoviando placidamente, como se estivesse a esquecer a sua missão, antes de registrar tudo que nela aconteceu.

– Paciência, paciência. A porta do inferno fica no limite do paraíso, e é tão grande que por ela passam até os elefantes, e, muitas vezes, mesmo no céu, por detrás das cabeleiras-ouro dos anjos estão os cavanhaques-aço dos demônios. Aquilo deveria ser o resultado de uma grossa intriga ou o castigo por se ter recusado a cobrir a Barbosa: vaca suja, capenga e zarolha, que nunca lhe despertou o fogo dos seus ossos. Mas, fosse o que fosse, era uma deslavada injustiça do coronel. Era um touro excelente, digno, perfeito e inteiramente dado ao gado.

Ajudara-o a subir, criar a sua filharada. Alguns deles já haviam botado anel de doutor nos dedos, a custa de sua viripotência. Ele, sozinho, entupira a fazenda de cornos.

Quando para ali foi levado, eram apenas, quatro chifres, incluindo os seus. Agora, medravam em centenas de cabeças e fixados, definitivamente, no valor de sua obra, que ficará perpétuamente criando: chifres cifras, cifrões.

Saltou do tapume de quatro tábuas do seu pensamento e, urrando, sacudiu os olhos em direção à moradia do seu amo e, apesar da distância, viu quando chegou à sacada para falar ao Chicó, presumivelmente sobre a sua personalidade. Pelos seus gestos arrogantes, entendeu que continuaria teimando em deixá-lo amarrado, embora os seus urros merecessem a compaixão do mais gelado carrasco. Fingia não ouvir. Era um malvado. Não se compadeceria de nenhuma voz que o alcançasse, por mais terrível ou trágica que fosse. Desconsolado, resolveu afogar o seu urro no poço de seu desespero, fazendo subir mais ainda, o nível daquele imundo lamaçal. Fosse um crítico sagaz de si mesmo, estaria sentindo o peso da coroa de sua descompostura. Soubesse que receberia, em paga dos seus bons serviços, aquela rude ingratidão, não teria marchado a vida como marchou, tão sacrifica-

damente. Teria, muitas vezes, aberto a cancela de sua desídia, para dar passagem franca à fraternidade das onças. Mas, julgava que a honestidade fosse o mais legítimo direito da vida. Somente agora, cria que tudo não passou de uma capciosa promessa da esperança.

A noite toda não coube o seu desgosto. Não dormiu nenhum pedacinho dela. Estava bem clara, mas toda cheia das sujeiras dos homens. Os seus desagradecimentos esmagaram com tanta impetuosidade a sua alma, que ficou pingando um ódio preto que se derramava, todo, nos seus chifres. Queria vê-los, ali, espetados todos de uma vez, e, em represália, com eles padecendo, passear, gostosamente, pelo campo. Nos momentos de maior emoção, muitas vezes sentiu-se ameaçado de enfarte. Encostava-se à castanheira, arquejando e com os olhos olhando sempre para cima; sempre para cima, como se quisesse subir.

Já no fim da madrugada, veio, com firmeza, a certeza. Avistou a silhueta vigorosa de um garrotão meio-sangue, cruzando o verde do descampado. Uma dor fria congelou o seu coração. Havia chegado a razão de tudo aquilo: – era a sua aposentadoria compulsória e extemporânea, – quando ainda tinha brasa nos seus nervos. Era uma estupidez prematura. Naquele mesmo dia , havia dado provas indiscutíveis de que sua arma não estava caduca. Aquilo teria sido uma decisão míope, surda e estúpida. Seus joelhos vergaram ao peso do triunfo daquela inverdade escorrendo por todo o seu corpo. Teve que engolir, sem ruminar, aquele bolo de pasto infame e desleal. Mas não era tudo. O pior veio com o sol: passou de uma à outra, sem lhe darem tempo para um ressecamento espiritual, e esta veio mais fininha e cruel. Ali mesmo, à sombra da grande copa, viu-se, covardemente, cercado por todos os varões da fazenda. Eram seis ao todo e todos aparelhados até aos beiços e avidamente decididos. Antes que ele tomasse uma posição de defesa, a um simples sinal convencionado, deram início à bandalheira. Chicó, com a sua incomparável habilidade de falsear, passou-lhe a macaca pelo costado, rente aos quartos, e, apertando o laço, roubou-lhe todas as forças das pernas. Quando, com os olhos esbugalhados, caiu, dois sentaram na sua cabeça e mais dois no seu vazio. Aquela ocasião um juiz, por mais venal que fosse, teria apitado impedimento. Vendo-o manietado, o coronel arregaçou as mangas e, sacando da sua peixeira afiadíssima, reduziu a três letras o seu substantivo comum. O próprio ficou o mesmo: boi Guarujá. O touro desapareceu. Logo em seguida, atiraram um punhado de cinzas sobre o ferimento, sepultando o muito que ainda sobrava de sua virilidade. O coronel riu-se, deleitando-se em apagar no touro um ardor que também tivera.

Não estava certo aquele despique ao seu tempo. Aposentadoria: ainda, ainda. Mas, não com tanta violência e por um processo que não se aplica à nossa época. Soubesse assim, teria procurado o movimento mais calmo da vida. Não o teria ajudado tanto nos momentos de intervalo. Aquela castanheira, que fincara as suas raízes, ali, sem jamais ter caminhado um passo, nunca lhe cortaram os brotos.

Com lágrimas no pelo da cara, trocava coisas na sua idéia, enquanto o arrastavam, brutalmente, para dentro da indigência de um cercado, onde o abandonaram à sua sorte, sem nenhuma providência rezatória ou profilática, como se fora um criminoso da pior qualidade. Naquele dia, entre os pratos do almoço, estava o guisado de testículos de touro com batata doce. Era pouco. Não encheu ninguém. Mas, todos provaram. Estava bom.

Depois de muitos dias sombrios, de bicheira e febre, o invólucro, picado de moscas, caiu podre. Mas conseguiu, mesmo dentro da forja da adversidade, que o acudisse o espírito da vida.

Quando voltou a comer no campo, haviam coado tudo o que ele tinha de bom. Voltara sem aquele ardor antigo e pastava sob os olhares desprezativos das fêmeas. Foi, vergonhosamente, afinando a voz e engordando mais, acentuadamente, nas trazeiras, tomando a forma de vaca. Vaca desvalorizada. Vaca-sem-leite.

Não demorou que a banha o jogasse no acabado da morte. Passou aos pedaços na balança do açougue, enquanto o pouco que restava da sua dignidade diluía-se no quadrado da ignorância gramatical da lousa do açougueiro:

Carne de vaca
fresca
com osso 350
sem osso 510
gorda – gorda – gorda

Benjamim Sanches, falecido em 1978, deixou 2 livros, um de poemas e um de contos. Seus contos, de alto nível, tiveram a melhor acolhida da crítica, tendo sido alguns deles publicado no SL do Jornal do Brasil, na fase áurea deste. Pertenceu ao Clube da Madrugada.

o sistema

Adrino Aragão

O homem perguntou se a mulher estava enxergando. Ela respondeu: Enxergando o quê, criatura?

Todos os dias ele fazia a mesma pergunta e a mulher respondia a mesma coisa. O homem já estava de saco cheio. Não dava pra agüentar a estupidez da mulher. Bastavam as aporrinhações lá no escritório. "Zé, o chefe mandou você fazer a mensagem. O chefe quer pra ontem, Zé. Não tem mas nem meio mas".

O chefe não entendia de nada. Muito menos de texto. Ouvira dizer que ele possuía apenas o secundário. O cargo fora conquistado na base do pistolão: afilhado de um senador, diziam.

Mas o chefe tinha pose, gostava de mandar, a última palavra era dele. A caneta em punho: Bota vírgula, põe ponto-e-vírgula, exclamação, risca a frase inteira, isto aqui pode comprometer o bom nome da empresa, vocês são uns incompetentes, a gente nunca pode confiar nos auxiliares. No final, o texto fica aquela merda. Logo vinham as cartas, as reclamações dos leitores.

– Ao diabo os leitores. Os responsáveis pela revista somos nós, chefes e diretores da empresa. Se a gente escreve tudo que o público (é assim que se diz em *marketing?*) quer, isto vira esculhambação. O caos. E isto aqui não é a casa da sogra.

E o chefe continuava com aquela retórica burocrática que não convencia. Mas não faltavam os puxa-sacos, vacas de presépio, sacudindo a cabeça: O chefe sabe das coisas, o chefe tem razão. É o que sempre digo para os colegas subordinados: a gente não pode escrever tudo o que vem na cabeça. O que o pessoal quer ler. Nosso trabalho deve ser cuidadoso. E de equipe. A gente tem de ouvir a palavra do chefe. Sempre. Trabalho de equipe, gente. Mas tem uns caras aqui, na redeção (e olha pra mim com o rabo dos olhos) que parece não entendem e querem botar o trabalho a perder. É preciso saber ouvir, pombas! Senão, vira esculhambação. Depois, pra que existe hierarquia?

Não sei, não. Trabalho de equipe? Pois sim. A última palavra do chefe. Palavra autoritária, pois não. Cadê o diálogo?

– Mulher, me traz o cafezinho!

Preciso acabar com a mania de tomar cafezinho de vez em quando.

No escritório, vá lá: o cafezinho não custa nada, não sai do meu bolso. Mas em casa a coisa engrossa. O vício custa dinheiro. E o salário que me pagam não tá dando nem pro feijão nosso de cada dia. Feijão preto que é o de que eu gosto. O quilo custa os olhos da cara. Nem sempre da melhor qualidade. Até produto falsificado andam vendendo por aí. Outro dia, li nos jornais o caso daquele senador que convidou os amigos para uma feijoada. O feijão veio lá do Nordeste. – Feijão preto, o melhor que existe, pediu a mulher do senador. O cozinheiro botou o feijão de molho, pra amolecer na panela. No dia seguinte, a água na panela estava pretinha que nem nanquim, e o feijão roxinho, porque de preto não tinha nada.

Assim não dá. Como diz o Agildo, não dá mais pra viver na capital, vou embora para o interior. Isto aqui está cheio de canalhas.

O chefe tá ficando doido. Agora quer que a gente passe a trabalhar também nos sábados e domingos. E o repouso semanal, o direito do trabalhador, o respeito às leis trabalhistas?

– Você anda muito indisciplinado últimamente. Levando o pessoal à subversão.

Quem, eu? Estou apenas reclamando o que é de direito. Afinal, vivemos ou não numa democracia? Mas não me admira que eu seja crucificado. Cristo também foi há dois mil anos.

O caminho mais fácil (ou mais rápido?) entre dois extremos não é uma reta – está provado.

Por que a idéia, agora? Não faço parte do sistema, não estou interessado em chegar ao outro extremo – não, se para isto eu tiver que vender a consciência, trair os amigos, vender a alma ao Diabo. Continuo no posto em que estou. Não que queira progredir, caminhar. Os pés estão doídos e o caminho, repleto de espinhos.

Me pergunto: estou enxergando? Não, não estou. Mas o médico me disse que ia ser difícil me acostumar com os óculos. As lentes são modernas, finas, não mais aquelas lentes grossas, bifocais. As letras ora aumentam, ora diminuem, encolhem, somem. O senhor depois se acostuma, disse o médico.

O pior vai ser quando eu chegar ao escritório. Vão dizer que estou aderindo ao esquema. Passei para o lado dos burocratas. Os óculos são o início. Eu podia ter comprado outros menos sofisticados, mais baratos. De casco de tartaruga e lentes de garrafa. Custam mais barato, fazem o mesmo efeito – meu pai sempre dizia.

Mas o pai era estivador. Dava um murro danado. Só voltava pra casa no fim do dia. E se mostrava feliz da vida. Por que, pai? A vida não tá moleza, filho. Não há trabalho pra todo mundo. O desemprego cresceu. Dou graças a Deus conseguir trabalho, pode trazer um dinheirinho, pouco mas ajuda, pra casa. Mas tenho amigos que não têm a mesma sorte.

O homem pergunta se a mulher está exnergando. Ela responde

Exnergando o quê, homem de Deus?

Adrino Aragão é amazonense de Manaus. Contista, tem três livros publicados e vários trabalhos incluídos em antologias de contos. Reside em Brasília, onde é funcionário do Banco do Brasil. É membro do Clube da Madrugada.

Soneto aberto sobre a morte

Alcides Werk

para Chico Mendes, companheiro que conhecia o caminho

Hoje é dia de festa nesta casa:
festa dos círios e das lamparinas.
Um corpo magro sobre a mesa, e a porta
de esteira aberta para os companheiros.

Beatas, terço, cafezinho, estórias,
o choro inútil da mulher sozinha,
a promessa do céu dos escolhidos
e uma herança de palha e de abandono.

Brasileiro, do norte, agricultor.
Semeou, semeou a vida inteira,
fez o campo florir por tantas vezes,

alimentou mil pássaros vadios,
foi sempre bom, mas nunca teve sorte,
e se vestiu de trapos para a morte.

Alcides Werk é matogrossense de Aquidauana e vive no Amazonas há trinta anos. Poeta e ensaísta, tem 4 livros publicados e poemas incluídos em diversas antologias, além de **posters** com versos de inspiração amazônica. Seu livro **Poemas da Água e da Terra,** em edição bilíngüe, teve a melhor receptividade da crítica. Pertence ao Clube da Madrugada.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com